



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS
ESCOLA DE DIREITO, NEGÓCIOS E COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO

CAROLYNE SOARES ARANTES
HELLEN POLLYANNA DE HOLANDA DIAS CAVALCANTE

DOS ANFITEATROS AOS GRANDES PALCOS TECNOLÓGICOS:
A História Dos Festivais De Música

GOIÂNIA

2021

CAROLYNE SOARES ARANTES

HELLEN POLLYANNA DE HOLANDA DIAS CAVALCANTE

DOS ANFITEATROS AOS GRANDES PALCOS TECNOLÓGICOS:

A História Dos Festivais De Música

**Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Pontifícia Universidade
Católica de Goiás como requisito final para a
conclusão do curso de Comunicação Social
– Habilitação em Jornalismo, orientado pelo
professor Dr. Rogério Borges.**

GOIÂNIA

2021

Folha de defesa

ARANTES, Carolyne Soares; Cavalcante, Hellen Pollyanna de Holanda Dias. Dos anfiteatros aos grandes palcos tecnológicos: a história dos festivais de música. Pontifícia Universidade Católica de Goiás – Escola de Comunicação: Faculdade de Jornalismo. Goiânia, 2021.

Trabalho de Conclusão de Curso Aprovado em ____/____/____ para obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Orientador Dr. Rogério Pereira Borges

Examinadora Prof. Ana Bandeira

Examinadora Prof. Gabriela Lucciani

Agradecimentos

Gostaríamos de agradecer inicialmente a todos que tornaram esse trabalho possível:

Nosso orientador, professor Rogério, que além de nos guiar durante todo esse percurso, nos brindou com todo o seu conhecimento, acrescentando-o não só em neste trabalho, mas também em nossas vidas.

Nossas fontes Arthur Resende e Mazinho, Carlos Brandão, Fabricio Nobre, Leonardo Razuk, Pablo Kossa e Salma Jô, profissionais maravilhosos do universo cultural de Goiás que aceitaram conversar com a gente.

Nossos amigos Brenner, Denner, Gabriel e Kamilly que concordaram em gravar uma entrevista para o nosso trabalho e que sempre nos dão todo apoio do mundo.

O designer, Pedro Luiz do Amaral Neto, que desenvolveu todo o site e o técnico de som, Álvaro Cardoso, que nos auxiliou durante a gravação e editou nossos podcasts. Sem eles esse trabalho não teria saído do papel.

As professoras Gabriela Lucciani e Ana Bandeira, que são grandes inspirações para nós e aceitaram estar na nossa banca examinadora.

Por parte de Carolyne Arantes, agradeço a todo apoio, carinho, amor, e preocupação da minha mãe, Maria Aparecida Soares Arantes, dos meus irmãos Guilherme Soares Arantes, Maria Eduarda Soares Arantes, Lucas Gabriel Soares Arantes, e da minha amiga Amanda Helrighell, e Luiz Magno Silva.

Por parte de Hellen Pollyanna, agradeço a todo incentivo, preocupação e amor incondicional dos meus pais, Cirilo de Holanda Cavalcante Filho e Maria Santa Dias Cavalcante, dos meus padrinhos, Ana Lucia Pires Dias e José Dias, da minha tia Maria Aparecida Dias e dos três irmãos que a vida me deu, meus primos Sergio Frederico Pires Dias e Yara Pires Dias e minha amiga Hesther de Almeida Mendes.

“Palavras são, na minha não tão humilde opinião, nossa inesgotável fonte de magia.
Capazes de ferir e de curar.”

(Alvo Dumbledore - Harry Potter e as Relíquias da Morte)

J.K Rowling

Resumo

Este trabalho de conclusão de curso aborda a história dos festivais de música e através de uma reportagem no formato longform, dividida em cinco episódios, as autoras narram a importância ao longo dos séculos e como a cultura de cada sociedade afetou e foi afetada por essas festividades. É uma verdadeira viagem pelas primeiras civilizações, grega e romana, pela rígida Idade Média, os períodos de grandes mudanças como a reforma protestante, o Renascimento, o Iluminismo, até a chegada de eventos modernos a partir do século XVIII e, finalmente, um retrato da força dos festivais musicais no Brasil e sua chegada a Goiânia. No site (<https://tcc.pedroux.com.br/>) onde a longform, nomeada Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História dos Festivais de Música, é encontrada na íntegra, são reunidos diversos formatos jornalísticos como textos, entrevistas e discussões sobre o assunto em vídeo e podcast, além do uso de recursos como o hipertexto.

Palavras-chave: Jornalismo; Festivais, Música; Cultura; Longform

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REFERENCIAL TEÓRICO	11
2.1. HISTÓRIA DOS FESTIVAIS	11
2.2. JORNALISMO NA INTERNET (CONVERGÊNCIA DE MÍDIAS)	32
2.2.1. Breve Histórico Do Jornalismo Na Internet E De Seus Impactos	32
2.2.2. Longform: Um Modelo Convergente	36
3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO	40
3.1 TABELA COM ARQUITETURA DO SITE	46
3.2 DIÁRIO DE PRODUÇÃO	47
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	51
6. ANEXOS	59

1. INTRODUÇÃO

O trabalho consiste na criação de uma longform, que será apresentada através de um site, e busca enquadrar a história dos festivais de música, destacando épocas mais expressivas desse processo. O recorte do tema foi feito em períodos de maior destaque na história e de grandes movimentações/mudanças na sociedade. A época escolhida para inaugurar as pesquisas foi a Grécia Antiga, por apresentar uma rica história de sua sociedade, além de possuir grandes influências em estudos voltados para política, música, cultura, religião, filosofia, teatro, esporte etc. A Grécia Antiga também apresenta um grande costume festivo, com celebrações em honra aos deuses e com as apresentações olímpicas, que podem ser interpretadas como um princípio do que viriam a ser os festivais de música.

A Roma Antiga foi abordada na sequência, pois além de ser o período que sucede à Grécia Antiga, é uma das civilizações da Antiguidade com maior influência sobre o mundo ocidental. Os principais exemplos disso são as línguas latinas, o Cristianismo e uma série de códigos de leis e normas que sustentam, ainda hoje, a lógica de muitos dos sistemas judiciários vigentes. Também estão presentes aqui as celebrações aos deuses, os jogos e os anfiteatros, que se transformavam em palco de grandes encenações teatrais, festivais públicos e espetáculos de gladiadores.

O próximo período retratado foi a Idade Média, que foi um momento de grande domínio da Igreja Católica, muitas das evoluções relacionadas à cultura e aos costumes eram voltadas ao sagrado. A maior expressão artística foi a arquitetura, mas também com representações teatrais, que costumavam ser encenadas em palcos provisórios, com bancos espalhados nas praças para que o povo pudesse assistir às montagens ou em feiras, que eram espaços com menor influência da igreja, voltando-se diretamente para o comércio e marcadas pela circulação de pessoas, o que acarretava aos mercadores e moradores um amplo espaço de troca de informações e cultura.

A Reforma Protestante foi abordada, quase, como uma conclusão da Idade Média, em que o povo começa a questionar as práticas da Igreja e, com a ajuda de uma novidade para a época, a imprensa, inventada por Johannes Gutenberg, em meados do século XV, são disseminadas propostas de reformas nas religiões. As festas abordadas nesse período ainda têm seu caráter sagrado, mas surgem nelas, com mais força, também o elemento profano, como eram chamados hábitos não

admitidos pela Igreja. Há também maiores investimentos na cultura, o que pode ser exemplificado pela atuação da poderosa família Medici, de Florença, que elegeu papas entre seus membros e patrocinou grandes artistas, como Michelângelo e Leonardo Da Vinci.

O Renascimento e o Iluminismo, apesar de estarem separados por mais de dois séculos, são expostos juntos em um podcast e abordados como períodos que trouxeram luz para questões relevantes, como movimentos sociais e políticos, artes e o espírito humano. No Renascimento são evidenciadas as apresentações teatrais que exploravam os assuntos que estivessem intimamente ligados à figura do homem. Este fenômeno de popularização nos interessa, porque é a gênese de uma renovação do que já poderia ser definido como modelo de festival popular.

Já no Iluminismo, recebem mais destaque assuntos ligados ao conhecimento e aos diferentes pensamentos desenvolvidos naquele período, o que também é de grande relevância para a pesquisa, uma vez que é preciso entender a sociedade como um todo para compreender sua cultura.

No episódio festivais modernos, são abordados eventos realizados nos séculos XVIII, XIX e XX. Nesses períodos, é preciso destacar as revoluções políticas e econômicas, os processos de urbanização, progressos científicos e inovações. Naquela altura, ficaram mais claras também as evoluções dos festivais artísticos para a forma como os conhecemos hoje, com especial relevância para a música clássica europeia.

Os episódios sobre os festivais de música no Brasil abordam a partir do período do Brasil Colônia, no qual as festas eram muito inspiradas nas cortes europeias. São citadas também as festas populares, muito comuns no Brasil. Eventos sociais que celebram figuras sagradas voltam a aparecer nessa parte. Já nas décadas mais recentes, os festivais musicais ganham maiores dimensões e se tornam eventos televisionados e de grande aceitação para o público, o que faz com que o País passe a sediar encontros musicais de amplitude internacional. O último episódio fala sobre os festivais em Goiânia, trazendo os quatro principais festivais musicais em diferentes épocas da capital. Esse episódio apresenta também as entrevistas feitas com personalidades locais que estão de alguma forma inseridas no cenário cultural goiano.

O tema abordado apresenta grande relevância social para o cenário cultural, trazendo informações regionais (de Goiânia), nacionais e internacionais, além de

fornecer sobre cada período abordado uma descrição da sociedade, apontando desde a forma de política prevalecente até a forma de entretenimento (música/teatro/festivais/olimpíadas/festas) mais comum em cada momento retratado.

O principal método que utilizamos para desenvolvimento do produto foi o de pesquisa, nas quais foram buscados fatos documentados e noticiados. Outro método utilizado foi o da entrevista, no qual as fontes ouvidas foram escolhidas visando uma contribuição máxima no resultado do trabalho, de forma que todos são ou já estiveram envolvidos profissionalmente com o tema abordado, exceto o grupo de entrevistados denominados "público", que representam a opinião pública, ou seja, não tem nenhuma experiência profissional concreta sobre o assunto cultura ou festivais de música.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. HISTÓRIA DOS FESTIVAIS

Este trabalho consiste em abordar a história dos festivais de música, desde os seus primeiros registros até os dias de hoje. Não é novidade que as celebrações sempre estiveram presentes em nossas vidas, e a forma como elas marcaram cada época é algo que merece ser lembrado e registrado. Festivais, para muitos, podem significar apenas uma forma de reunir, de manifestar cultura, em um único espaço com diversas músicas, bandas, cantores e público. Mas muito além disso, trata-se de uma forma de criar identidade, marcas, laços comunitários, vivências em um determinado lugar ou época.¹

Na Grécia Antiga, Roma Antiga e na Idade Média, as celebrações predominantes eram de caráter religioso, nos quais os povos celebravam a vida de seus deuses. Apesar de hoje em dia esse estilo de celebração não ser predominante, ainda temos datas festivas religiosas, como o Domingo de Páscoa, a Sexta-Feira Santa, o Natal, entre outras.²

Ainda na Antiguidade, mais especificamente na Grécia Antiga, havia diversos eventos, tanto como celebrações, quanto atletismo, eles se relacionavam com o mito e a religião “as competições esportivas realizavam-se por ocasião de festas religiosas, em santuários e nas proximidades dos templos” (SARIAN, 1996, p. 45)

Na Grécia Antiga, a atividade física esteve presente em modalidades como o atletismo, nos diversos jogos olímpicos como salto, corrida, arremesso de disco, lançamento de dardo, na luta, o pentatlo, o pugilismo, o pancrácio, e modalidades equestres. Os jogos eram ligados às cerimônias religiosas e faziam partes dos cultos, sempre associados às festas religiosas agrárias ligadas a fertilidade da terra e cultos fúnebres. (ANDRONICS apud ALMEIDA ET ALL., 2012, p.9).

O atletismo sempre esteve muito presente na Antiguidade, os jogos eram frequentes, entre as modalidades havia a corrida simples “stadion”, onde o atleta deveria correr durante uma única vez a pista de um estádio, tendo 192 metros; a corrida dupla “díaulos”, na qual o atleta correria por duas vezes no estádio; e a

¹ As afirmações feitas em tal trecho representam opiniões e conclusões das autoras após leitura de ampla bibliografia acerca do assunto.

² As afirmações feitas em tal trecho representam opiniões e conclusões das autoras após leitura de ampla bibliografia acerca do assunto.

corrida de fundo “dólikhos”, que variava em um percurso de 7 a 24 estádios (ALMEIDA ET ALL, 2012, p.10). Além das corridas, havia também os saltos,

O saltador ganhava impulso por meio da corrida e do balanceio dos halteres para o salto. Quando chegava à linha de salto, o atleta oscilava vigorosamente os halteres para cima e para baixo e projetava seu corpo para frente. No ponto mais alto do salto, ele ficava dobrado, com os pés e mãos quase paralelos. Assim que o corpo começava a cair, o saltador lançava com força as mãos para trás e utilizava os halteres como contra-apoio para impedir seu corpo adiante.” (ALMEIDA ET ALL, 2012, p.11)

Havia também o arremesso de discos, outra modalidade encontrada na Grécia Antiga, consistia em ter ritmo, força e precisão, essa modalidade era comum nos jogos pan-helênicos (ALMEIDA ET ALL, 2012, p.11). Outro esporte popular, era a luta, que servia inclusive como utilidade nas guerras, nessa modalidade como já se prevê, eram exigidas agilidade e força de quem participava, e também era uma modalidade encontrada nos jogos pan-helênicos.

Havia duas modalidades de luta: a luta erguida, na qual os atletas tinham de permanecer de pé o tempo todo, e a luta “rolante” ou “de chão”. Na primeira bastava que o lutador lançasse seu adversário ao chão, na segunda, a queda não era suficiente: a competição continuava até que um dos lutadores fosse forçado a aceitar a derrota e desistir da luta. Para conquistar a vitória na luta erguida, o atleta tinha de lançar seu adversário ao chão por três vezes. Para as competições no estádio, eram selecionados no mínimo cinco e no máximo oito pares de lutadores. Cada competidor retirava, por meio de um sorteio, uma senha que se encontrava no interior de um elmo, sobre o qual estava marcada a letra que indicava o seu adversário. (ALMEIDA ET ALL, 2012, p.13-14)

Já a corrida de tochas, onde um corredor teria que passar a tocha para o outro, tinha um caráter religioso, pois quem pratica essa modalidade tinha que transportar o fogo sagrado até o altar do deus que estava sendo honrado pela corrida celebrada. O autor relembra também a tão famosa viagem que a tocha dos Jogos Olímpicos faz. Há, portanto, uma semelhança da antiguidade com o que encontramos nos dias atuais. Ainda na Grécia Antiga, como observamos, os deuses tinham um grande poder sobre a sociedade. Com isso, todas as celebrações eram ligadas a eles, desde os jogos pan-helênicos, até as festas particulares das cidades. Dentre todas essas celebrações, a mais importante era a de Dioniso. Seus festivais ocorriam ao longo do período do inverno

O inverno é, em geral, um período de ociosidade no calendário agrícola, dos povos helênicos, uma vez que os principais serviços de tratamento da terra e sementeira estão concluídos, enquanto o período propício para a colheita ainda não começou. Trata-se de um momento caracterizado por festas em honra aos mortos, com cultos em que os aspectos festivos de recomeço do ciclo natural da terra combinam-se a elementos fúnebres. Muitos dos festivais helênicos são caracterizados por um elemento típico – a *pompé* [cortejo] –, por meio do qual a divindade é honrada de forma triunfal pelos devotos. No caso de Dioniso e de seus festivais áticos, esse elemento de culto ganha um aspecto ainda mais imediato, uma vez que a presença do deus se dá em seu *xóanon*, em sua estátua de madeira escoltada fisicamente pelo cortejo de devotos, em memória de seu advento àquela terra. (SILVA, 2018, p. 318-319)

Contudo, os festivais em honra a Dioniso eram alegres, honrados de forma descontraída e festiva. Entre essas datas festivas, havia as *Dionísias Rurais*, que consistiam em um cortejo, que transportava religiosamente o *falo* (órgão reprodutor masculino, esp. a que era carregada nos antigos festivais em honra a Dioniso), enquanto cantos de corais e espetáculos ocorriam. (SILVA, 2018, p.320).

O festival certamente culminava em sacrifícios – que talvez se restringissem apenas a bolos ou cozidos, embora pudessem conter sacrifícios animais também (como as representações em cerâmica costumam sugerir). Em todo caso, o festival tinha provavelmente o caráter de um rito destinado a promover a fertilidade dos campos e dos jardins, bem como a fecundidade das famílias. (SILVA, 2018, p. 318)

Ainda nas festividades em honra de Dioniso, temos a *Leneias*, um festival antigo no qual acontecia uma procissão, onde pessoas caminhavam de forma cerimonial, e ocorriam disputas de “corridas de tochas”, carros com poemas para aqueles que vinham seguindo a pé

Por um longo período foi assumido que o festival chamado *Leneias*, o lugar de sua celebração, o *Lēnaíon*, e o deus cultuado, Dioniso *Leneu*, eram chamados assim por causa de uma conexão com a prensa de vinho, *lēnós*, embora a mera existência de um *lēnós* numa localização sugerida para o santuário em *límnaís* [nos brejos] (até então identificado com o *Lēnaíon*), e de outros na mesma vizinhança, era obviamente inconclusiva; prensas de vinho são objetos comuns numa região vinícola e a referência especial à prensa do vinho e a seu deus em janeiro ou fevereiro não era obviamente apropriada. Conseqüentemente, uma derivação alternativa dessas palavras, não de *lēnós*, mas de *lēnai*,

conhecida como nome de bacantes e mênades, encontrou aceitação mais geral. (PICKARD-CAMBRIDGE, apud SILVA, 2018, p. 330).

Já as Antestérias ocorriam entre o final do inverno e início da primavera, durante três dias

A maior parte dos rituais ocorria no santuário dionisíaco do Limnaion, templo que era aberto somente durante as Antestérias, quando os demais eram fechados, pois se acreditava que os espíritos ficavam à deriva, já que se tratava, também, de uma festa dos mortos. As festividades contavam com a participação tanto de homens livres como de escravos, os quais eram posteriormente banidos, e de mulheres e crianças. (CERQUEIRA, 2011, p.153).

Havia também grandes recipientes cerâmicos que eram usados para a conservação de vinho, além de jarros arredondados usados para liberações, e recipientes cerâmicos. Quem participava dessa celebração enchia de legumes crus para oferecer como oferenda a Dioniso. No primeiro dia, o evento contava com uma procissão festiva e alegre para aqueles que participavam, no mesmo dia ocorria a abertura de jarros de vinhos. O segundo dia era composto por uma série de festejos, com banquetes ao ar livre, onde o número maior de participações eram de mulheres e crianças, que brincavam de jogos entre si. (CERQUEIRA, 2011, p.153)

[...] a criança tinha função importante por ser um culto de vegetação, uma vez que ela simbolizava na comunidade os novos frutos, ela era a floração, o novo vinho. Garotinhos brincavam de efêbos e adultos, correndo e dançando tal qual foliões, com suas khóes cheias de vinho. Recebiam presentes dos mais velhos, tais como as pequenas khóes (canequinhas), cachorrinhos ou brinquedos, sobretudo carrinhos, utilizados em brincadeiras registradas na cerâmica ática. Concursos eram realizados, a maioria deles consistindo em disputas do estilo “quem bebe mais” ou “quem bebe mais rápido”; provavelmente havia também algum concurso musical. Sabemos que o sacerdote de Dioniso convidava cidadãos ilustres para uma disputa de “quem bebe mais rápido”, realizada no prédio dos tesmótetas. (CERQUEIRA, 2011, p.154)

Já na noite do segundo dia, se iniciava a mais importante desses dias de festejo, e ele se conectava ao terceiro dia do evento, que era quando ocorria o casamento do Dioniso com a rainha Basilínna. (CERQUEIRA, 2011, p.155)

Havia também as Dionisíacas Urbanas, em que os dias de celebração eram feriados para, assim, conseguir a participação do povo. “Não constituíam apenas

uma atração para os atenienses. No fim de março, passado o inverno, o mar se tornava navegável e acorriam para Atenas estrangeiros de todas as partes, para prazeres e negócios públicos ou particulares.” (MALHADAS, 1983 p. 69). Essa festividade era marcada pelo “proagón” que consistia em uma cerimônia referente ao concurso teatral da época “se tornava pública a escolha das peças, dos atores e dos coros que iam concorrer. As peças eram escolhidas pelo arconte-epônimo, com bastante antecedência, por causa dos ensaios dos coros e dos atores.” (MALHADAS, 1983 p. 70). Logo após ocorria a procissão, na qual conduziam a estátua do deus Dioniso até o teatro. Já no terceiro dia, eram realizados os concursos “ditirâmbicos” e “comos”, em que as tribos preparavam um coro. “Cada coro cantava seu ditirambo com o acompanhamento de flautas e dançava fazendo evoluções ao redor do altar de Dioniso no centro da orquestra do teatro.”(MALHADAS, 1983 p. 73). E após esse concurso, os competidores comemoravam as vitórias com música, dança e cantos. (MALHADAS, 1983 p. 73). E por fim, nos últimos dias ocorriam as representações teatrais com as peças anunciadas no primeiro dia da festividade (proagón):

Do nascer do sol até à tarde, em teatro ao ar livre, atores e coros, com máscaras e vestimentas apropriadas, representavam tragédias, dramas satíricos e comédias, diante de um público numeroso. Ao final dos três dias de concurso, juízes pronunciavam o veredicto. (MALHADAS, 1983 p. 74).

Já a arte romana tinha muito destaque pelo domínio político e militar com suas construções com fortificações, muralhas e obras públicas, fruto da organização e do sentido de utilidade atribuído às criações artísticas e arquitetônicas. A cultura romana herdou da cultura grega uma visão humanista do mundo e sua crença politeísta, dividindo as mesmas divindades com diferentes designações, como por exemplo: o deus grego Zeus passa a ser Júpiter, Dionísio transforma-se em Baco, Poseidon em Netuno Afrodite e Vênus e assim por diante.

O mais interessante é que na época da Roma Antiga, a tradição de festividades como celebração aos deuses também era frequente, mas as festas estavam longe de ser apenas diversão, pois todos os imperadores romanos sabiam da importância de possuir uma imagem positiva de si mesmos, para continuar no cargo, no poder. Agora entrando na Idade Média, não podemos deixar de falar que ela foi muito importante no que tange à cultura, educação e costumes de

civilizações, através do poder então exercido pela Igreja. Mas nos aspectos de interação e diversão, as extravagâncias foram reduzidas junto à possibilidade de criação de um ambiente de diversão e prazer pelo prazer (RUAS, 2013, p. 48).

Outro fator importante, foi o teatro da Idade Média que traz uma noção de jogo, um jogador escapa de sua condição humana e torna-se outro, durante o tempo do jogo, sempre permanecendo ele mesmo. E não podemos deixar de citar que a maior expressão artística desse período foi a arquitetura, com o surgimento do estilo gótico, também no século XII, em contraposição ao estilo romântico predominante até então.

As catedrais góticas foram construídas dentro das cidades e trouxeram uma oposição às construções românicas com novas técnicas que permitiam edificações mais altas e paredes menos espessas, com grandes janelas com vitrais multicoloridos. Por estarem no centro das cidades, essas catedrais serviam também como espaço para reuniões, assembleias civis e centros de cultura e arte com coro musicais e uma área externa ampla que permitia encontros, feiras e espetáculos (VICENTINO; DORIGO, 2010, p. 210 - 213).

Temos também as reformas protestantes onde a centralização da monarquia complicou o relacionamento dos reis com a Igreja. Até o final da Idade Média, os membros do clero eram detentores de grande parte do poder político-administrativo. O Papa representando Roma, recebia os tributos por terras feudais controladas pela Igreja e isso começou a ser contestado pelos monarcas (VICENTINO; DORIGO, 2010, p. 295 - 300). A burguesia passou a ter uma crise de religiosidade quando a Igreja começou a apresentar objeções à expansão comercial condenando a usura (cobrança de juros excessivos por empréstimos) e defendendo o justo preço (produção e comercialização baseado no que se considera uma justa remuneração de trabalho).

Houve uma grande desmoralização para a Igreja, no final da Idade Média, quando alguns membros do clero passaram a ter práticas que eles mesmos condenavam em seus sermões, como, por exemplo, a usura, o comércio de bens eclesiásticos, a obtenção de privilégios devido aos seus cargos, o descumprimento do celibato clerical e a venda de cargos dentro da instituição. Um dos grandes destaques dessas práticas controversas, e que é considerada por muitos o estopim para as reformas, foi a venda de indulgências, que consistia no pagamento monetário a religiosos para obter perdão pelos pecados cometidos.

Após a Idade Média, temos o Renascimento, conhecido como um grande movimento político, cultural e econômico

O termo renascimento se refere ao retorno ideal as formas da Antiguidade clássica enquanto verdadeira fonte da beleza e do saber. O período histórico que se acreditou merecedor de tal nome cultivava a leitura dos clássicos gregos e latinos em busca de uma linguagem que fosse universal, recuperando os modelos e as regras da arte antiga” (BYINGTON, 2009, p. 7).

Esse período vai do século XIV até o final do século XVI e é um marco do início da Idade Moderna, que iremos abordar logo mais. Esse movimento teve seu surgimento nas cidades Italianas, e personagens importante desse período foram os artistas, humanistas, matemáticos, engenheiros, homens de negócios, banqueiros, pois foram a vanguarda da revolução cultural que se iniciou nas cidades Italianas e se estendeu para a Europa (BYINGTON, 2009, p. 7).

A ideia do movimento Renascentista foi "trazer a luz", pois era com essa tensão revolucionária que os povos queriam deixar as trevas, como era conhecida a Idade Média, e respirar novos ares. Apesar dos anos terem se passado, a “idade das trevas”, e a tradição clássica que havia com ela, não tinha desaparecido completamente.

As ideias, formas, e imagens herdadas da antiguidade haviam sobrevivido, sob aparência muitas vezes irreconhecível, em diferentes manifestações culturais e artísticas, aflorando de maneira significativa em alguns momentos, por exemplo, no período carolíngio, antes do advento do grande Renascimento dos séculos XV e XVI (BYINGTON, 2009, p. 10)

Um conceito que marcou o Renascimento foi a "imitação", que seguia os projetos Renascentista, mas isso não excluía a originalidade da arte. "Para a cultura do humanismo, a imitação era fundamento de um sistema moral e estético que tinha como referência os valores da Antiguidade, suas virtudes públicas e suas grandes realizações". (BYINGTON, 2009, p. 15)

Grande parte da doutrina estética desse período baseou-se na imitação da natureza, do real, do modelo e da antiguidade clássica. Outra grande valorização era a da verdade artística, ou seja, obra de arte que remetia a realidade, sendo assim, uma cópia fiel. "A ideia de que a maior inovação e principal qualidade da pintura era a semelhança com a natureza permanece a princípio válido desde os primeiros até os séculos recentes." (BYINGTON, 2009, p. 18). Um fato curioso é que Leonardo da

Vinci permaneceu indiferente ao modelo das artes antigas, ele dizia que "a melhor pintura é q mais conforme à coisa imitada", como forma de crítica aos artistas que corrigiram a natureza com invenções irreais. (BYINGTON, 2009, p. 26).

A sociedade do período renascentista, que foi o assunto destacado na abordagem daquele período, juntamente com a sua tendência para uma nova forma de cultura, tinha novos cotidianos e relações, então o período Renascentista além de ter sido um grande movimento artístico também representou um novo jeito de agir e pensar da sociedade, a ideia de "renascer" também está ligada ao desejo e interesse dos artistas pela forma da antiguidade. (GODINHO, 2012, p. 02)

O homem renascentista, apesar de valorizar as qualidades humanas não se tornou descrente a Deus, apenas mudou a forma de pensar sobre as suas criações e sobre o mundo, que ao contrário da era medieval, passa a ser um lugar de alegrias, realizações e descobertas. Há pela primeira vez na era cristã, uma confiança na capacidade do homem, que se crê ilimitada, abrindo assim uma porta para os estudos e novos conhecimentos. Uma das características do Renascimento foi o desenvolvimento do racionalismo, que possui a convicção de que tudo pode ser explicado pela razão do homem e pela ciência, a recusa em acreditar em qualquer coisa que não tenha sido comprovada. Dessa maneira o empirismo e a ciência conheceram grande desenvolvimento (RECCO, CATARIN e BANDOUK, apud GODINHO, 2012, p.2).

Um grande marco desse período foi compreender a natureza, pois isso fez com que o Homem renascentista se tornasse seres individualistas. Eles passaram a perceber que a Terra era o único mundo realmente existente, então começaram a encarar esse mundo como algo prazeroso.

houve também a necessidade de conhecê-lo, através da natureza e dos fenômenos naturais. Tal necessidade não tinha como objetivo apenas saciar a curiosidade humana, ultrapassava essa barreira e chegava ao âmbito instintivo da preservação. Começava então, a perceber a necessidade de compreender o mundo que o cercava e onde estava inserido, para poder se preservar como espécie e como indivíduo dentro dele. (GODINHO, 2012, p.4)

Foi uma época importante que desvinculou o humano de todas as restrições passadas que travavam a criatividade do pensamento e a liberdade do individualismo. Em suas obras, os escultores no período renascentista representavam figura humana nua, onde procuravam demonstrar os sentimentos

assemelhados dos homens, deixando assim uma arte real, natural e fiel à natureza. Para isso, utilizavam pedra, bronze, mármore e madeira. (GODINHO, 2012, p. 5). Esse período foi de extrema importância para a representação do meio cultural, pois como enfatizamos na longform, a criatividade representada por esse período trouxe ao humano sua liberdade de expressão, algo bastante encontrado no meio musical, expressão em forma de música.

Os estudos da perspectiva utilizando os princípios da matemática e da geometria nas artes em geral, e na pintura especificamente, são resultado da interpretação científica do mundo que predominava no renascimento; isso pode ser observado na 'Ceia' de Leonardo Da Vinci e na 'Transfiguração' de Rafael, pelo realismo visual e pelo reaparecimento da representação do espaço e do volume, através da perspectiva científica e o claroescuro, ignorados desde a antiguidade, como destaca Carvalho (2008). O recurso claroescuro, consiste em pintar algumas áreas iluminadas e outras na sombra. Esse jogo de contrastes reforça a sugestão de volume nos corpos. A combinação da perspectiva e do claroescuro contribuiu para o maior realismo das pinturas. (GODINHO, 2012, p. 5).

Diante de tudo isso, podemos notar o quanto o período Renascentista teve impacto sobre a sociedade, ao abrir o mundo à intervenção do homem. O Renascimento trouxe uma mudança da posição a ser ocupada pelo homem no mundo. Ao longo dos séculos, ajudou a fundar novos valores, principalmente no campo da arte e da cultura. Valores que ainda permanecem ao redor do mundo, como o estilo de fazer essas obras, que tem como intuito produzir artes que representam as emoções do ser humano, além da liberdade de expressão e do ser como um ser individualista. Vale ressaltar que as obras de Shakespeare, colaboraram para o período renascentista com suas obras trágicas que tinham ligação com a própria história da Inglaterra.

[...] do teatro inglês renascentista ao teatro popular brasileiro, Romeu e Julieta é uma das histórias de amor mais conhecidas do Ocidente. Apesar de haver aqueles que a considerem verdadeira, a peça escrita por William Shakespeare é mais uma das versões do mito grego de Píramo e Tísbe que, aliás, é contada pelo próprio Shakespeare na sua comédia Sonhos de Uma Noite de Verão. (PAULINO, 2008, p. 4).

Essas foram obras muito importantes nesse período, que já teve diversas versões até os dias de hoje. Na Europa do século XVIII, na busca por novas formas

de poder político e econômico, é difundida a ideia do Iluminismo (período ficou conhecido como O Século das Luzes), baseada nas lutas revolucionárias lideradas pela burguesia (mas não somente burgueses, já que vários pensadores do movimento eram nobres). As tensões causadas pelas contradições entre monarquia, nobreza e burguesia geraram um cenário pré-revolucionário, no qual a burguesia foi se munindo de armas teóricas para contestar o poder dos absolutistas, criando uma nova ordem política.

Falando agora sobre o século XVIII, é possível observar a diversificação do mercado de entretenimento com integrantes da classe média de maior poder aquisitivo sendo fundamentais no delineamento dos primórdios de uma indústria do entretenimento, criando alternativas de diversão. Para membros da aristocracia e da gentry (membros da nobreza europeia que não possuíam títulos), tais alternativas já existiam de forma clara; para os populares, havia as feiras e festivais. (MELO, p. 68)

Melo continua em seu artigo a tratar do tema, agora tratando da Revolução Industrial que, para ele, foi o que consolidou a valorização do consumo com maior desenvolvimento científico, impactando novas dinâmicas de diversão. O autor explica que com a gestação de um forte mercado interno e com a busca de produtos cada vez mais refinados, ou que pelo menos expressassem o refinamento possível para cada estrato social. (MELO, p. 81).

Ainda nesse século, é importante ressaltar a atuação do músico nos séculos XVIII e XIX, pois sofreram grandes transformações

As formas de atuação do músico e seu papel na sociedade sofreram diversas transformações ao longo dos séculos. Esta figura exerceu desde funções subservientes, apresentando-se para a elite vigente, na maioria das vezes proporcionando “música de fundo” para eventos sociais, até a de compositor, subvencionado por esta mesma elite, representada por governantes e mecenas. (PEDROSA, 2019, p. 89)

Com isso, o compositor não tinha liberdade de expressão, pois gerava conflitos com a corte para quem eles tocavam, então às vezes, eles tinham que deixar a sua liberdade artística de lado.

Já no século XIX, período de grande fibrilação artística principalmente em Paris e na Alemanha, encontra-se a nova função do maestro de orquestra, do crítico musical e do formador de plateia. Schumann e Mendelssohn se preocuparam imensamente com a

formação do público, ambos desenvolveram os papéis de diretor artístico e diretor de orquestra. Schumann através de seus escritos e críticas, marcou o surgimento da figura do crítico musical, material que serviu de arquivo e registro para a vida musical daquele período. Outro papel muito importante no século XIX é a do instrumentista virtuoso, Paganini, Chopin entre outros intérpretes representam uma geração de músicos com grande habilidade técnica que impressionam ao público e alteram a configuração de concertos de música de câmara, fazendo muito sucesso em toda a Europa no Romantismo. (PEDROSA, 2019, p. 89).

Tendo isso em vista esses dois séculos (XVI/XVIII), é importante também abordar a chegada dos festivais, musicais e competições ao Brasil. Para a população em geral, festivais são eventos que podem ser celebrados de diversas formas. Algumas vezes pode vir como forma de um evento onde serão mostrados diversos tipos de obras, ou peças teatrais. Outras vezes, pode vir como uma forma de evento musical, ou celebração de alguma data religiosa. E até como forma de competição artística, ou simplesmente para reunir amigos, e familiares para celebrar a vida. O Brasil, como em alguns países, possui esse mesmo segmento, o festival é um evento com duas concepções diferentes.

A primeira é uma forma de reunir exposições artísticas durante um certo período, tendo como denominador comum um gênero musical, como o samba, ou uma determinada área artística predominante, como o teatro. Neste modelo de festival não existe competitividade, sendo assim mais uma feira de amostras de um setor da arte. (MELLO, 2003, p. 10).

Agora iniciando o século XX, ele é definido em duas partes, sendo elas, a era da catástrofe, e a era de ouro. “A era da catástrofe, de acordo com ele, foi quando ocorreu as duas grandes guerras, revoluções, crise e colapso da economia mundial e o quase desaparecimento das instituições da democracia liberal.” (HOBBSAWM, 1994. p. 2). é importante compreender as duas grandes guerras para compreender o século XX “O breve século XX também nasceu com uma nova força: a revolução mundial, a revolução foi a filha da guerra do século XX, especialmente a revolução Russa de 1917, que criou a União Soviética, transformada em superpotência” (HOBBSAWM, 1994. p. 3) Já na era de ouro, o pesquisador caracteriza, pela “profunda e irreversível transformação econômica, social e cultural promovida pelo capitalismo e, por outro lado, pela grande aceleração da modernização de países agrícolas atrasados, inspirados pela Revolução Russa de 1917” (HOBBSAWM, 1994. p. 3).

Outro ponto importante é que o século XX, foi a “ERA DOS EXTREMOS”, e isso se dá pelos diversos drásticos acontecimentos que vieram junto com esse período, sendo a primeira guerra mundial que foi uma guerra global centrada na Europa, que se iniciou em 1914, até 1918. A ascensão dos nazifascismos aconteceu entre 1919, e 1939. A crise de 1929, que foi a grande depressão, e a crise financeira que teve seu início em 1929, e persistiu ao longo da década de 1930, terminando apenas com a segunda guerra mundial. A segunda guerra mundial foi um conflito militar global que durou de 1939 até 1945. E por fim, a guerra fria, que foi um período de tensão geopolítica. (HOBBSAWM, 1994, s/p).

Um ponto importante, é a existência de festivais e celebrações que vieram, e existiram no século XX. Junto com o novo século, algumas mudanças na estrutura das cidades surgiram, pois ficaram mais modernas. Com isso, a vida urbana também mudou, com tantas modernidades, como a instalação de equipamentos públicos, iluminação elétrica, calçamento das ruas, entre outros benefícios. Isso acabou provocando alterações na vida de quem ali habitava, pois, com uma cidade moderna, houve mais oportunidades de se promover manifestações culturais, já que a cidade permitia isso (MAIA & SÁ, 2008). Os desfiles cívico-militares eram importantes e frequentes nessas celebrações. Algumas celebrações eram percorridas por essas “marchas”, como um desfile transcorrendo pela cidade, conduzidos ao som de bandas. “Esse tipo de manifestação cívica era bastante usual na cidade nas primeiras décadas do século XX, seja para comemorar datas históricas, seja para celebrar formaturas, ou homenagear políticos locais”(MAIA & SÁ; 2008, p. 18)

As “marchas”, como é ilustrado no quarto episódio da longform, percorriam as ruas da cidade, fazendo quase sempre o mesmo percurso." (MAIA & SÁ; 2008, p. 20). Essas festas cívicas eram bastante presentes nas primeiras décadas do século XX. Uma das mais divulgadas daquelas primeiras décadas do século, até pela sua importância histórica, foram as Festas Centenárias, que celebravam o primeiro centenário da Independência do Brasil, festividade bastante divulgada na imprensa da época por ter forte relevância e que se espalhou por diversos pontos do País, “as manifestações eram as marchas e os desfiles nas ruas que contavam com a participação da população em geral, como espectadores, e dos estudantes e “autoridades” civis e militares como integrantes das execuções”. (MAIA & SÁ; 2008, p. 25) Mas não eram apenas festas cívicas que ocorriam naquelas décadas.

Festas populares também tinham sua importância para os moradores e pessoas que viveram no século XX “a vida era marcada por festas mesmo que a razão da sua existência sejam os motivos cristãos: homenagens aos santos padroeiros, comemoração do Natal ou Dia de Reis. (MAIA & SÁ; 2008, p. 28). Outro ponto importante é a implementação das músicas nestas festas no século XX. Apesar de hoje em dia ser comum a existência de festivais musicais, no século XX esses eventos também já existiam e foi quando se consolidaram as músicas populares, por exemplo, tiveram seu primeiro festival criado na França e nos Estados Unidos, logo após a Segunda Guerra Mundial.

Em relação às músicas populares, os primeiros festivais foram criados na França e nos Estados Unidos logo depois da Segunda Guerra Mundial, a fim de divulgar as novidades jazzísticas da época. Na canção, o primeiro evento de grande porte foi o festival de San Remo, criado na Itália, em 1954. Existe, então, uma história dos festivais de música anteriores à década de 1960. Todavia, os anos 60 e 70 são geralmente considerados como o período de “nascimento” dos festivais de música popular. (FLECHET, 2011, p. 258).

O autor ressalta o quanto os festivais criados nesse período atraíram grandes públicos, como os de Monterrey e Woodstock, que de acordo com ele, reuniram respectivamente 200 e 400 mil espectadores em 1967 e 1969, número muito significativo para a época. Mas o recorde mesmo, foi na Europa, que reuniu mais de 600 mil espectadores, no festival “ILHA DE WIGHT”. Vale lembrar que nessa época já existiam também pessoas que assistiam a esses festivais pela televisão. O festival Woodstock inclusive ganha um destaque das autoras que apresentam um podcast no episódio quatro trazendo mais curiosidades sobre aquele acontecimento de 1969.

[...] a partir dos anos 60, as possibilidades técnicas de transmissão multiplicaram o impacto dos festivais, que foram vistos ao mesmo tempo em vários países do mundo (seja em parte, seja na totalidade). As mutações do “sistema técnico”, deram um novo impulso aos festivais, que ganharam visibilidade no nível internacional e contribuíram para a criação de uma nova cultura jovem, além das fronteiras culturais tradicionais. (FLECHET, 2011, p. 260).

Com isso, é possível notar o quanto as décadas de 1960 e 1970 foram importantes para o cenário dos festivais, esse momento é descrito como como uma gênese dos festivais de música popular da forma que a conhecemos hoje, marcando o início da globalização cultural, muito impulsionada pela revolução dos meios de comunicação. (FLECHET, 2011, P.261)

Os festivais, por mais que sejam um meio de diversão e celebração, foram muito importantes para a cultura como um todo, pois levaram visibilidade e um público muito grande para esses locais, favorecendo, influenciando e contribuindo para o meio cultural.

[...] as expressões artístico-culturais da contracultura tiveram bastante vigor na primeira metade da década de 1970. A procura por novas linguagens e formas de expressão, em diálogo com as manifestações da contracultura internacional, pode ser observada na produção do cinema marginal, no teatro, na poesia marginal, na música e na imprensa alternativa. (KAMINSKI, 2016, p. 468).

O *Coachella Valley Music and Arts Festival* surgiu em 1999, na virada do século XX para o século XXI, ele traz um pouco do espírito do Woodstock, sendo um festival que dura três dias e acontece anualmente, tendo tido algumas interrupções durante os 22 anos de execução. O festival é realizado na cidade de Indio na Califórnia.

O Festival é composto por diversos palcos e tendas espalhadas no local, bem como a presença de espectadores de todo o lado. O próprio vestuário dos festivaleiros é bastante próximo do Woodstock, onde é predominante um estilo mais descontraído, mais hippie. No entanto é importante sublinhar que em termos de organização todos estes casos estão muito melhor planejados do que alguma vez esteve o Woodstock. (REIS & COSTA, 2016, p. 8)

Festivais, como o de Woodstock, tiveram, sim, forte influência também no modo de vestir e no comportamento das pessoas na época. Ele foi como um berço e um laboratório de estilo daquela geração, com inovações que seguem presentes até hoje na cena da moda, como os óculos coloridos, as roupas estampadas, as miçangas e o estilo mais despojado dos hippies.

[...] das manifestações vinculadas à contracultura, o movimento hippie foi uma das que ganhou maior visibilidade. Surgido nos Estados Unidos, seus aspectos estético-corporais destoavam bastante dos padrões estabelecidos: cabelos e barbas compridas, vestes coloridas, roupas velhas ou reaproveitadas, muitos adereços, bolsas a tiracolo. Imagem muito veiculada pela imprensa da época, em função de certo exotismo e de ser uma novidade comportamental. O corpo em geral, nos gestos, nas marcas, nas vestimentas e nos adereços é um espaço que comporta signos intencionais e não intencionais, e, por meio destes, são demarcadas identidades raciais, de gênero, de nação, de classe, política (KAMINSKI, 2016, p. 470).

Esse modo de se vestir e agir, para a época, era considerado algo revolucionário, e rebelde, por ser fora do que era considerado dentro do normal, do padrão “um dos traços mais característicos e simbólicos da corporeidade hippie, e incorporado por parte da juventude, era o uso de cabelos compridos pelos homens” (KAMINSKI, 2016, 473). Esse movimento hippie foi um fator contracultural, onde as pessoas começaram a criar uma identidade própria, que teve obviamente, forte influência dos festivais

[...]os festivais tiveram um papel de destaque no processo de globalização, favoreceram as transferências culturais entre diversas áreas e definiram um lugar para a formação de uma cultura jovem, em ruptura com a ordem estabelecida, para a qual a música constituiu um elemento federativo no âmbito internacional. (KAMINSKI, 2016, p. 474).

É possível notar com isso, o quanto festivais tem influência sobre a nossa sociedade, pois são através deles que muitas vezes uma determinada região, estilo de música, sociedade, e cultura fica conhecida e ganha força em sua sociedade, e no mundo em sua volta.

Em festivais em que não existe nenhum tipo de competitividade, seu maior objetivo é apenas oferecer conhecimento cultural e acesso a novas artes, gêneros e obras, além da diversão e do lazer. Podemos datar como as primeiras faíscas do que viria a se tornar os festivais no Brasil as festas realizadas durante o período colonial do Brasil (1530-1822). Muitas, inclusive, eram baseadas em festas europeias para diversão de portugueses que aqui viviam e posteriormente para a própria corte real que, em 1808, veio de Portugal para se instalar aqui (LOPES, 2006, p. 4). É fato que, apesar de festivais terem como objetivo a celebração e a alegria de quem está ali participando, também trazem consigo, uma certa competitividade, como os festivais carnavalescos promovidos no Rio de Janeiro, desde a década de 1930, que continuam até hoje. O carnaval, com certeza, é uma forte representação e símbolo brasileiro. Vários desfiles de escolas de samba são feitos nessa época através de marchas, onde ao final, uma escola irá ganhar a competição, seja pelo melhor desfile, ou melhor composição para o carnaval.

O Carnaval foi oficializado em 1932 e a partir de então é que nascem as subvenções e premiações, gerando controvérsias muito parecidas com as que existem até hoje nos desfiles de escolas de samba (MELLO, 2003, p. 15). Entre os critérios para conquistar o tão sonhado título de primeiro lugar, havia uma

participação mais efetiva do público. Por exemplo, para a escolha da música, era levada em conta aquela que fosse mais aplaudida durante a apresentação, ou até, a mais cantada, e também, obviamente, pelo júri e voto popular. Foi nos concursos carnavalescos que se observavam os principais ingredientes que faziam parte de um festival, sendo eles “a rivalidade, a participação do público e os estratégias para vencer” (MELLO, 2003, p. 22). Já naquela época, portanto, já se observavam pontos importantes que faziam parte de festivais de competição.

Vale ressaltar o quanto os concursos carnavalescos se tornaram fortes símbolos para o Brasil, sendo uma celebração que, em sua época, atrai muitos estrangeiros para conhecer essa data festiva. (MELLO, 2003, p. 22).

O Festival Velha Guarda pode ser considerado como um pioneiro de Festival estilo Jazz, promovido pelo cantor e radialista Almirante, pela Rádio Record em 1954, que trouxe a São Paulo, para exibição no teatro Colombo, músicos notáveis, como Pixinguinha, João da Baiana, Donga, entre outros. (MELLO apud MAIATO, 2016, p. 25)

O festival agradou tanto o público, que no ano seguinte foi promovida uma nova edição, ampliada, e que já contava com o apoio da TV Record. Outros festivais realizados periodicamente e que pertencem a esse mesmo tipo são o Festival de Teatro de Curitiba e o Free Jazz Festival. (MELLO, 2003, p.28)

Um fato importante é o início dos concursos musicais, que teve sua primeira estreia na rádio e televisão Record, em 1960, sendo aceitas canções de diversos estilos, como sambas, valsas, entre outros ritmos brasileiros

Desde o princípio, esse tipo de competição foi um sucesso, pois foram inscritas entre de 300 e 400 músicas, na I Festa da Música Popular Brasileira, em 1960, para selecionar as 21 músicas, foram realizadas quatro eliminatórias, duas no Clubinho e duas no Teatro Record, sendo estas últimas televisionadas. (MELLO, 2003, p. 30)

Porém, a repercussão do festival foi mínima, já que não havia nenhum nome conhecido dentre os 21 músicos escolhidos, como abordamos no podcast na LongForm sobre o assunto.

Em 1966, a TV Record organiza o II Festival da Música Popular Brasileira. A divisão do prêmio de primeiro lugar entre as músicas A Banda (de Chico Buarque,

defendida por Nara Leão) e Disparada (de Geraldo Vandré e Theo de Barros, interpretação de Jair Rodrigues) acabou agradando a todos. A música de Vandré e Theo Barros é considerada um verdadeiro marco na história dos festivais, inclusive pelo próprio Chico Buarque (MELLO, 2003, p. 32). Já em 1967, ocorreu o III Festival da Record, tendo como destaques músicas que hoje em dia são verdadeiros clássicos da MPB, como Roda Viva, de Chico Buarque, Alegria Alegria, de Caetano Veloso, Ponteio, de Edu Lobo e Capinam, Domingo no Parque, de Gilberto Gil, Minha Gente, de Demétrius, Capoeirada, de Erasmo Carlos, e Maria, Carnaval e Cinzas, de Luiz Carlos Paraná. Em quarto lugar ficou Alegria, Alegria, de Caetano Veloso; em terceiro lugar ficou o samba Roda Viva, de Chico Buarque; em segundo lugar ficou Domingo no Parque, de Gilberto Gil; mas quem levou o primeiríssimo lugar foi Ponteio, de Edu Lobo.

Outro grande fator nesses festivais eram as transformações de festivais em formas de protesto, algo facilmente constatável, por exemplo, nos festivais de música popular Brasileira realizados durante a ditadura militar no Brasil (1964-1985), constituindo-se em grandes atos de “rebeldia” para muitos é um importante fator na história da música e do País, alguns desses protestos e outras informações sobre essa época tão importante para o Brasil são descritas ao longo do quinto episódio da longform e de um podcast sobre o assunto.

Outro grande marco da era dos festivais foi a realização do primeiro Rock In Rio, no Rio de Janeiro, em 1985, no espaço Rio Centro. Em janeiro de 1985, os cariocas esperavam ansiosamente para a primeira edição do festival, que contou com um grande público jovem em sua maioria, todos esperando bandas de rock estrangeiras e nacionais, além de alguns cantores da MPB.

O Rock in Rio custou 11 milhões de dólares e não contou com incentivos econômicos do poder público. Para conseguir tal montante, Roberto Medina, que é um empresário e publicitário Brasileiro, e diretor da Artplan Eventos (agência de publicidade) que, em 1980, trouxe ao Brasil o cantor Frank Sinatra, buscou patrocinadores. A Brahma, primeira parceria, viabilizou 1 milhão de dólares, e ficou com a venda exclusiva de cerveja e refrigerante. Outra parte da verba veio das empresas que se instalaram nas 34 lojas no mini-shopping, cuja construção foi por elas financiada. (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 349).

Houve também o apoio da TV Globo, que transmitiu o festival. O local onde ocorreria o festival levou quatro meses para ser construído, tendo em sua estrutura

grandes palcos giratórios, luzes, fumaças, cortinas, fazendo com que o público tivesse uma ótima experiência durante o festival

para iluminar o festival, foram utilizados 3.200 refletores que estavam espalhados pelo palco e plateia, tudo comandado por uma mesa computadorizada, sendo outro fato inédito até então no país. Quatro torres metálicas de 6 metros de altura contendo 144 refletores, com filtros coloridos eram projetados à plateia (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 349).

Como abordamos na longform, através do audiovisual, o Rock in Rio foi um marco importante não só para os cariocas, mas também para a sociedade Brasileira. Principalmente que, era um festival que demandou um grande investimento, merecendo destaque da imprensa. Jornais como Folha de São Paulo, O Estado de São Paulo, Jornal do Brasil e a revista Veja fizeram, inclusive, matérias especiais abordando e explicando como seria a estrutura do evento.

o festival foi realizado de 11 a 20 de janeiro de 1985, e mantinha seis horas de música diárias. O Rock in Rio teve participação de bandas estrangeiras como: Iron Maiden, Queen, Whitesnake, Scorpions, e cantores: George Benson, Rod Stewart e James Taylor. As atrações nacionais foram compostas pelos roqueiros oitentistas: Paralamas do Sucesso, Lulu Santos, Blitz, Kid Abelha e Barão Vermelho. Mas o festival contou também com Ney Matogrosso, que abriu o evento, Erasmo Carlos, Pepeu Gomes e Baby Consuelo, Ivan Lins, Elba Ramalho, Gilberto Gil, entre outros.” (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 350).

Esse evento foi de extrema importância e grande sucesso, principalmente para dar abertura ao rock nacional. Para Encarnação, nesse cenário musical:

O Rock in Rio, contribuía, ao mesmo tempo, para abrir possibilidades de que o rock nacional pudesse ocupar o cenário principal da indústria fonográfica e para reavivar as críticas dirigidas ao gênero e seus músicos, as quais não deixaram de fora a própria festa do rock. (ENCARNAÇÃO, 2011, p. 352).

Outro festival de grande repercussão mundial e que também tem a sua versão brasileira é o Lollapalooza. O festival surgiu em 1991 em um momento que as televisões buscavam novidades e as rádios deixavam de lado o rock'n'roll. (RUAS, 2013). O festival ficou ativo desde seu início até 1997, retomando em 2003 até a atualidade, chegando ao Brasil em 2012.

O nome do festival surgiu de uma expressão americana de época que possui o seguinte significado no dicionário: Lollapalooza: 1. algo

e/ou alguém excepcional/maravilhoso; 2. Um pirulito em espiral gigante (RUAS, 2013, p. 10).

O Lollapalooza foi um grande marco dos festivais e uma grande novidade pelo estilo que o festival oferecia.

se destaca dos demais festivais pela diversidade e inovação[...] O seu caráter itinerante traz outro aspecto que acaba se convertendo em uma característica do início do Lolla, em que o festival vai até o público, e não o público se desloca para ir ao festival. Entretanto, após alguns anos o Lollapalooza toma o formato mais comum dos festivais. Sua chegada ao Brasil reforça o interesse dos brasileiros em participar de festivais internacionais e agrega mais um evento na agenda (RUAS, 2013, p. 18).

Para falar um pouco sobre o benefício econômico gerado para as cidades onde são realizados esses eventos, é destacada a seguinte bibliografia na longform:

O turismo cultural está relacionado ao patrimônio histórico e cultural e aos eventos culturais de uma localidade. Para ter acesso a esse patrimônio, o visitante se utiliza de diversos serviços turísticos, tais como: meios de hospedagem, transporte, alimentação, entretenimento e outros. Atualmente, além de exportar a cultura nacional (música, religião e telenovelas), o Brasil importa exposições artísticas e eventos musicais de outros locais, como o festival musical Lollapalooza. O mercado de eventos, além de atribuir valores culturais à sociedade, contribui para a economia de um país. (SILVA; COLANTUONO; 2018, p. 10)

O festival em 2015 gerou um impacto econômico de 93 milhões para a cidade de São Paulo. Mas não são só festivais das grandes cidades do Brasil que fizeram/fazem sucesso no nosso País, a nossa capital foi palco de surgimento de diversos festivais que se tornaram grandes, e atraíram turistas para Goiás.

O festival de música Comunica-Som foi criado em 1971 e envolvia os principais colégios secundaristas estaduais de Goiânia, tendo um grande sucesso em suas 13 edições realizadas na capital e cidades do interior do Estado. Na época em que foi criado, Goiás decidiu entrar nas ondas dos festivais, foi idealizado e comandado pelo jornalista Arthur Rezende em parceria com o produtor cultural, e jornalista Lorimá Dionízio, o Mazinho, lotando quatro noites do Cine Teatro Goiânia. Esse evento foi um dos grandes sucessos do Centro-Oeste, na década de 1980, fazendo com que muitos artistas goianos ganhassem fama e fossem descobertos e revelados na indústria da música, como João Caetano, Marcelo Barra, Fernando Perillo, Pádua e Juraildes da Cruz, entre tantos outros. Outro fator importante foi o

júri do festival, que já contou com grandes astros da MPB e artistas da TV, entre eles Ivan Lins, Regina Duarte, Paulinho Tapajós, Joanna e Fagner, por exemplo. O Comunica-Som, teve treze edições, chegando ao seu fim em 1985, mas, deixando seu legado no meio musical no estado de Goiás e em todos aqueles que contribuíram para que esse evento fosse realizado, na longform, através da entrevista com o próprio Arthur Rezende, nós podemos conferir mais detalhes sobre essa trajetória.³

Outro festival muito importante para o cenário goiano é o Goiânia Noise, criado em 1995, comandado pelo produtor e jornalista Leonardo Razuk. A primeira edição foi realizada na Praça Universitária, em Goiânia, e teve 14 atrações, entre elas as bandas Psycho Drops (SP), Succulent Fly (DF), Mechanics (GO), entre outras, dando voz ao mundo do rock independente brasileiro. Logo tornou-se uma das vitrines mais importantes do rock já produzido em Goiás, sendo um festival que abriu grande espaço para bandas locais, estimulando a formação de novos grupos na cidade, mesmo com as dificuldades encontradas durante sua trajetória, igual conta Leonardo Razuk na entrevista via skype disponível na longform, o festival abriu muitas portas para músicos da cidade.

Diversas bandas já se apresentaram e ganharam destaque no palco do Noise, como por exemplo o Black Drawing Chalks, Violins, MQN, Over Fuzz, Hang the Superstars, Heaven's Guardian, Los Hermanos, entre atrações nacionais e internacionais. Fato é que o festival em 2019 chegou à sua 25ª edição e, apesar de todas as dificuldades encontradas em um cenário musical de rock, onde não tem grandes investimentos, segue tendo uma forte consolidação e firmando-se como um dos principais eventos de rock do Brasil.

Temos também o Bananada, comandado pelo produtor Fabrício Nobre, tendo mais de vinte anos de história e um nome consolidado no estado e fora do Centro-Oeste. A ideia do festival surgiu em 1999, quando Fabrício decidiu reunir os amigos e chamar uma galera para tocarem juntos com a intenção de divulgar a sua própria banda, e assim, conhecer a música e o trabalho de pessoas novas. Desde então, o festival foi sendo conduzido assim, tendo duração de dois a três dias com bandas iniciantes e independentes em Goiânia.

³ As afirmações feitas em tal trecho representam opiniões e conclusões das autoras após leitura de ampla bibliografia acerca do assunto e de conversas com as fontes entrevistadas ao longo da realização deste trabalho.

Com o passar dos anos, o evento foi crescendo e se tornando conhecido pelo público, necessitando de um espaço e formato maiores para o novo estilo do festival. Mas seu grande diferencial se concretizou em 2012, quando o Bananada passou a ser um evento que envolve toda a cidade, fazendo com que bares, restaurantes, teatros entre outros entrassem na programação, tornando-se algo multicultural e atraindo novos públicos.

O Bananada já teve atrações como BaianaSystem, Emicida, Caetano Veloso, White Denin, METZ, entre outros. O festival tornou-se um marco para o cenário goiano e na indústria da música, já tendo realizado edições em Portugal e na Espanha. A cada ano, ele se consolida como um encontro de pessoas que buscam cultura, arte e música em um só lugar.⁴

E não podemos deixar de fora o grande festival sertanejo Villa Mix, que teve origem em 2011 na gravação de um álbum intitulado 'Noite e Dia', com participação de Jorge & Mateus, Gustavo Lima e Humberto & Ronaldo. Esse álbum foi realizado pelo escritório da AudioMix, que tem como seu CEO e proprietário Marcos Araújo. Em seus primeiros anos, o festival contava com cerca de 120 mil pessoas. (VILLAMIX, sem data)

O evento é realizado durante todo o ano em diversas cidades do Brasil, tem sede em Goiânia, onde é realizado anualmente desde seu princípio no estacionamento do estádio Serra Dourada e conta com dois dias seguidos de shows, nos quais costuma se apresentar todo o casting da AudioMix (Luan Santana, Gustavo Lima, Simone e Simaria, Matheus e Kauan, Guilherme & Santiago, Jefferson Moraes, Xand Avião, Edu Chociay, Jonas Esticado, Alok, JetLag, Kevinho e Os Parazim), além de cantores nacionais e internacionais convidados e a dupla Jorge & Mateus, que está envolvida com o projeto desde o seu início. Esse mega evento que acontece em solo goiano costuma apresentar o tema que será usado nas apresentações pelo país durante o ano, e é sempre transmitido ao vivo pelos canais do próprio festival, além do canal Multishow que exibe na íntegra com participação ao vivo de comentaristas e dos artistas que estão se apresentando. (VILLAMIX, sem data)

⁴ As afirmações feitas em tal trecho representam opiniões e conclusões das autoras após leitura de ampla bibliografia acerca do assunto e de conversas com as fontes entrevistadas ao longo da realização deste trabalho.

Em 2015, ficou conhecido pelo Guinness World Records, o livro dos recordes, por ter montado, em Goiânia, o maior palco do mundo em tamanho, com as marcas de 2.788,39m², altura de 52,34m e 628 toneladas de equipamentos; superando o recorde que era da banda irlandesa U2.

Em 2017, pela primeira vez, o festival trouxe atrações internacionais. Cantaram na capital de Goiás artistas mundialmente conhecidos, como Demi Lovato, Maluma, Fifth Harmony, J Balvin e Rudy Mancuso. O festival é realizado em diversas cidades do Brasil e em 2018 teve suas primeiras edições internacionais em Lisboa e no Paraguai. (VILLAMIX, sem data)

Já no período de pandemia, a importância desses festivais só se concretizou, pois a ausência deles afetou não só o público que ficou carente da cultura, mas também os profissionais que fazem parte, e vivem desse meio musical, e festivo.

Em todo esse conteúdo exposto na longform é possível encontrar elementos jornalísticos, como, por exemplo, a apuração dos materiais para compor as reportagens publicadas, as entrevistas realizadas, os vídeos e podcasts gravados acerca de cada assunto e o uso de elementos como hipertexto, carrosséis de imagens entre outros.

2.2. JORNALISMO NA INTERNET

2.2.1. Breve Histórico do Jornalismo na Internet e de seus Impactos

A tecnologia faz parte da nossa rotina, ela chegou e modificou a forma de fazer jornalismo "A Internet e as tecnologias da informação e comunicação modificaram os conceitos de tempo e espaço da humanidade. Agora, somos regidos pela velocidade e pela instantaneidade." (STEGANHA, 2010, p. 09). Impossível negar o fato de que nós vivemos em um mundo onde temos um fácil acesso á todo tipo de conteúdo "O virtual usa novos espaços e novas velocidades, sempre problematizando e reinventando o mundo" (LÉVY apud STEGANHA 2010, p. 09). Mas nem sempre esse fácil acesso foi possível, pois por mais difícil que seja imaginar, a internet nem sempre existiu

A internet nasceu de um projeto de pesquisa militar desenvolvido no período da Guerra Fria. Naquela época, os computadores eram

ferramentas que ocupavam salas inteiras. Apesar do tamanho, muitos deles tinham capacidade apenas para ler fitas magnéticas ou cartões perfurados, mas não trabalhavam em rede, apenas individualmente. Diante dessa situação, a ARPA (Advanced Research Projects Agency) foi acionada para buscar uma solução que conectasse os centros de pesquisa com os órgãos de defesa dos Estados Unidos para permitir não só a troca de informações, como também a criação de um recurso que possibilitasse a sobrevivência dos canais de comunicação em caso de guerra. Dessa forma, as informações importantes ficavam descentralizadas e, portanto, não seriam alvo fácil de violações. Nascia, assim, o embrião do que conhecemos hoje como internet. (STEGANHA, 2010, p. 15)

O fácil acesso que a tecnologia oferece para o indivíduo é grande, enquanto no passado as pessoas demoravam dias para saber de algo, hoje é instantâneo

[...] essa absorção tecnológica passou a ser mais intensa com o surgimento da eletricidade, gerando até uma situação de caos aos usuários na medida em que a demanda era grande e simultânea. Veio então a descoberta da eletrônica e, mais modernamente, da internet - claro que muito mais tímida, longe da rede que temos acesso hoje. Foi somente a partir da década de 90 que a internet assumiu uma linguagem mais simples e tornou-se acessível à população. Com isso, tivemos acesso aos gadgets, que nada mais são do que dispositivos eletrônicos como celulares, MP3s, iPods, iPads, pagers, máquinas digitais e filmadoras, ou melhor dizendo, aparelhos que hoje funcionam quase que como uma extensão de nossos corpos. De acordo com McLuhan, o homem se apaixona pelas tecnologias que lhe passam a sensação de ser seu reflexo (STEGANHA, 2010, p. 9)

O fácil acesso do ser humano nessas tecnologias nos tornam dependentes dela, como se fosse algo que sempre tivesse existido no nosso dia-a-dia, até mesmo nosso corpo passa a depender dessas tecnologias. Essa mudança é percebida de forma mais intensa a partir de 2004, a partir do processo de Web 2.0, no qual foi criado um novo ambiente tecnológico e social que facilitasse o acesso a dispositivos eletrônicos e a sua operação. (STEGANHA, 2010, p. 09, 10)

A web 2.0 chega e potencializa aquilo que já era conhecido como tecnologia, pois com ela, tudo se tornou mais ágil.

A Web 2.0 é a segunda geração de serviços on-line e caracteriza-se por potencializar as formas de publicação, compartilhamento e organização de informações, além de ampliar os espaços para a interação entre os participantes do processo. A Web 2.0 refere-se não apenas a uma combinação de técnicas informáticas (serviços Web, linguagem Ajax, Web syndication, etc.), mas também a um

determinado período tecnológico, a um conjunto de novas estratégias mercadológicas e a processos de comunicação mediados pelo computador (PRIMO, 2010, apud STEGANHA, 2010, p.10)

Esse termo foi descrito pela O' Reilly Media 1, ele faz referência às novidades das atualizações feitas dentro dos softwares. “A Web 2.0 potencializa a atividade coletiva, reconfigura a troca, a produção e a distribuição das informações dentro da rede por meio de um sistema de cooperação entre os internautas”. (STEGANHA, 2010, p. 10). Essa nova web, permitia algumas novas ferramentas, como o tagging, que permitia o usuário encontrar e vincular palavras-chaves com imagens. Além disso, o blog também veio com ele, um dispositivo relevante muito usado nos dias de hoje para aqueles que querem um espaço para compartilhar ideias, planos, informações e interagir com outras pessoas que estão buscando o mesmo tipo de conteúdo on-line, facilitando com que pessoas sem nenhum recurso criassem sua própria plataforma, como podemos observar na longform, local onde criamos a nossa própria plataforma com nossos próprios conteúdos.

Temos também as wikis, que são páginas comunitárias que podem ser alteradas pelos usuários, e o RSS (Really Simple Syndication), que possibilita a distribuição de informações em rede por meio de um sistema de 'assinatura'. Temos ainda as redes sociais como Friendster, Orkut, Facebook, Twitter, MySpace e LinkedIN, todas com espaço para a interação social on-line entre os participantes (STEGANHA, 2010, p. 10).

Esse meio, facilitou o acesso das pessoas entre si, facilitou a comunicação, pois apesar de estarem a milhares de distância, as redes sociais e o ambiente on-line tinha o poder de fazer elas se sentirem vizinhas “liga milhões de pessoas em novos espaços que estão a alterar a forma como pensamos, a natureza da nossa sexualidade, a organização das nossas comunidades e até mesmo a nossa identidade” (TURKLE apud STEGANHA, 2010, p. 11). Com tantas modificações, as empresas de comunicações ficaram atentas nessas diferentes formas de comunicação entre usuários, com isso, o jornalismo que seguia o modelo tradicional (rádio, televisão, impresso) se viu obrigado a seguir, e se adaptar à nova realidade que a era digital trouxe

Da captação e recebimento da notícia, que trafega pela rede física da empresa, passando pela escolha e seleção dos diferentes tipos de informação e sua exposição na primeira página do portal na Internet,

até toda a estrutura de datacenter, com links, servidores, empresas de telefonia, backup e banco de dados capazes de recuperar o passado e organizar o presente do internauta, a notícia deixou de ter dono ou responsável, para se transformar em produto digital. (FERRARI apud STEGANHA, 2010, p. 13).

Com isso, as máquinas de escrever que faziam parte das redações de Jornalismo deram espaço para os teclados e seus computadores, mas isso era só o início, pois depois, com os aparelhos celulares, tudo se tornou mais fácil e ágil para o meio jornalismo, com um único clique, já era possível ter acesso a informações, e efetuar a apuração de uma notícia. Tendo em vista essa tecnologia, podemos reparar o quanto ajudou a criar conteúdos em um espaço como a longform, vista em nosso trabalho prático, que reúne todos esses novos meios de fazer conteúdos.

As redes digitais instauram uma forma comunicativa feita de fluxos e de troca de informações “de todos para todos”. Em função da quantidade ilimitada de informações que podem ser veiculadas na rede, a temporalidade também é distinta, praticamente em tempo real, resultando em instantâneas todas as formas de comunicação na web. (DI FELICE, 2008, p. 53, apud STEGANHA, 2010, p. 14).

Esse fácil acesso a notícias facilitou muito o mundo jornalístico, mas também abriu fronteiras, pois com a tecnologia, todo mundo tem o poder de postar o que quer no mundo virtual, fazendo assim, a propagação de muitas notícias falsas, ou publicando algo antes dos meios de comunicação por ter visto primeiro,

[...] na medida em que o usuário que ‘domina’ as ferramentas tecnológicas o poder de participar da confecção da notícia. A pessoa que estava no Haiti na hora em que o terremoto começou e gravou, de um celular, a catástrofe ocorrida em 2010 tornou-se portadora de uma imagem de valor, do ponto de vista informativo. Por não poderem imaginar que tal desastre natural aconteceria naquele momento, as grandes empresas de jornalismo não tinham correspondentes no país e, por isso, teriam muito interesse em comprar ou divulgar a imagem. Esse “fotógrafo ou cinegrafista amador” tem duas opções: enviá-la a uma grande rede de TV ou a um portal de internet que tenha espaço reservado para divulgar e tratar conteúdos remetidos pelo público. Pode também, ele próprio, querer divulgar a informação em seu blog pessoal, Twitter, Flickr, Facebook ou qualquer outra rede social. (STEGANHA, 2010, p. 14)

Outra grande mudança com a chegada das tecnologias e o jornalismo on-line é que não dá mais para segurar uma determinada notícia, pois a chance de alguém

publicar antes, é grande. Com esse fácil acesso, as notícias deixaram de ser algo restrita ao jornalista, se tornou algo que qualquer pessoa que utiliza do meio digital, tem acesso, e poder sobre. Tendo isso em vista, é importante ter confiança sobre o próprio conteúdo, para assim permanecer a própria essência e originalidade naquilo que for postado, como na longform apresentada neste trabalho teórico.

2.2.2. Longform: Um Modelo Convergente

O que antes só era possível fazer por intermédio de veículos de comunicação tradicionais (rádio, jornal impresso, e televisão), hoje já é viável realizar em espaços que exigem níveis de estruturas bem mais modestos e acessíveis, o que pode ser encontrado no grande espaço oferecido pela internet. A tecnologia chegou com força com o passar dos anos, ampliando a forma de fazer comunicação, e incorporando novos modelos de divulgar informações. Como explica Martino: "As possibilidades de compartilhar dados na forma de dígitos combinada com a integração de processadores em redes de alta velocidade estabeleceu as condições, ao longo do século XX, para o desenvolvimento de uma teia de conexões descentralizadas que veio a se tornar a internet" (2015, MARTINO, p. 12). Esse meio trouxe com ela novas formas de se conectar, atraindo um novo público, gerando grande interatividade, conexão, e colaboração entre os usuários, e os produtores de conteúdo. "A expansão de redes sociais e formas de produção colaborativa a partir do início de 2000, levou a um tipo denso de conexões, tendo alto grau de interatividade, colaboração, e produção/uso/consumo de conteúdos pelos próprios usuários." (MARTINO, 2015, p.13). Apresentando assim, um meio dinâmico, em constante transformação e interação entre os usuários. Com o crescimento desse meio chamado internet, plataformas começaram surgir onde houvesse pessoas que pudessem gerar seu próprio conteúdo, permitindo que ganhassem voz ativa nesse meio, possibilitando a geração de conteúdo por pessoas que estão fora das grandes estruturas.

Uma das opções é o formato "longform". Carvalho explica que:

Dessa ideia de inovação surgiu as narrativas longform, que das características de reunir todas as outras mídias na internet criou um jornalismo exclusivamente feito para os internautas. Nas reportagens divulgadas no ambiente digital, os textos no campo verbal resgatam os valores históricos-sociais do jornalismo impresso; as entrevistas

no formato em áudio condizem com o jornalismo radiofônico; enquanto os vídeos curtos resgatam as características do telejornalismo. Tudo isso resulta em reportagens aprofundadas com diversas temáticas. Vale ressaltar, que além de trazer um novo patamar no formato de divulgação de conteúdo na internet, o longform reforça a tese de que é possível fazer jornalismo aprofundado no ambiente digital, principalmente, ao levar-se em consideração que normalmente o jornalismo online está associado a informações objetivas, ligadas a fatos factuais, onde os textos tendem a ser curtos para facilitar a leitura. (2020, p. 2).

E tendo em vista a forma como a longform resgata os meios de fazer jornalismo (como rádio, impresso, e tv) só que de forma mais atrativa e atual foi optado por realizar a abordagem deste trabalho com tal modelo de reportagem ampliada, além de ser algo que possibilita a inclusão de várias linguagens e formatos jornalísticos – textos, podcasts, vídeos, entre outros –, o material é integralmente publicado no ambiente digital, o que possibilita o alcance de um grande público, como pontua Martino:

(...) as transformações da tecnologia permitem um acesso cada vez maior das redes de computadores. Quanto mais o ciberespaço se expande, maior o número de indivíduos e grupos conectados gerando e trocando informações, saberes e conhecimentos. Além disso, cria as condições, na cibercultura, para que novos saberes sejam desenvolvidos: aplicativos, sites, programas e assim por diante. (2015, p. 28).

Tendo isso em vista, o meio digital e suas redes conectadas, em que também estão os sites jornalísticos, abrangem um grande público e um rápido acesso às informações. Além disso, a mídia é muito importante dentro desse espaço, pois é uma forma de atrair as pessoas, como Martino explica: “narrativas transmídia são também uma maneira de atrair consumidores de diversos nichos para os produtos oferecidos” (2015, p.38).

A convergência midiática chegou com força no meio jornalístico, e se refere justamente à tendência de adaptação dos meios de comunicação para a internet. Essas novas tecnologias digitais e a convergência das mídias apresentam grandes mudanças no processo da distribuição, produção de uma determinada informação, fazendo com que o receptor ganhe papel ativo no processo comunicacional.

Através da digitalização e da compressão de dados que ela permite, todas as mídias podem ser traduzidas, manipuladas, armazenadas, reproduzidas e distribuídas digitalmente produzindo o fenômeno que vem sendo chamado de convergência de mídias. Fenômeno ainda mais impressionante surge da explosão no processo de distribuição e

difusão da informação impulsionada pela ligação da informática com as telecomunicações que redundou nas redes de transmissão, acesso e troca de informações que hoje conectam todo o globo na constituição de novas formas de socialização e da cultura que vem sendo chamada de cultura digital ou cibercultura. (SANTAELLA, apud DAL, 2014, p. 4)

Convergência pode ser definida como mudança, e transformações nessa era digital.

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca de experiências de entretenimento que desejam. (JENKINS apud DAL, 2014, p. 6).

Esse meio trouxe um espaço onde usuários poderiam usufruir dessas redes para colocarem seus conteúdos, fazendo com que as novas mídias substituíssem as antigas e ganhassem força nesse novo cenário.

A convergência das mídias é mais do que apenas uma mudança tecnológica, ela altera a relação entre tecnologias existentes, indústrias, mercados, gêneros e públicos. Altera a lógica pela qual a indústria midiática opera e pela qual os consumidores processam a notícia e o entretenimento.” (DAL, 2014, p. 7)

Com a convergência de mídia, o telespectador se torna também receptor, a partir do surgimento das participações e da interatividade, o que transforma essa troca de informações tornando o antigo público/consumidor em produtor e influenciador do conteúdo digital na internet. Com essas novas tecnologias midiáticas é permitido que o conteúdo flua e assuma novas formas de recepção através de diferentes canais. (DAL, 2014, p. 8)

O receptor, contudo, se torna uma forte ferramenta do processo comunicacional, postando seus próprios conteúdos, registros e informações em seus canais de comunicação on-line.

A comunicação digital apresenta-se como um processo comunicativo em rede e interativo. Neste, a distinção entre emissor e receptor é substituída por uma interação de fluxos normativos entre o internauta e as redes, resultante de uma navegação única e individual que cria um rizomático processo comunicativo entre arquiteturas informativas

(site, blog, comunidades virtuais, etc.), conteúdos e pessoas. (FELICE apud DAL, 2014, p 9)

Tendo isso em vista, em tempos onde as mídias estão dominando os meios de comunicação, é fato que os usuários se transformaram em produtores, onde seus conteúdos podem alcançar pessoas de diversos lugares, de forma rápida e orgânica.

Enquanto a comunicação tradicional (teatro, livro, cinema, rádio e TV), apresenta um fluxo unidirecional, a comunicação em rede, apresenta-se como um conjunto de teias nas quais é impossível reconstruir uma única fonte de emissão, um único sentido e uma única direção. (FELICE apud DAL, 2014, p 10)

Tendo tudo isso em vista, hoje, com esse espaço, o receptor tem a liberdade de discutir, e postar seus próprios conteúdos em um espaço onde ele dita as regras, ele defende seu ponto de vista, podendo alcançar e ter até mais audiência do que em determinados veículos de comunicação, ganhando a mesma credibilidade. Por isso, com o objetivo de oferecer e atribuir um material mais atrativo para o público, a escolha da longform foi essencial pelas grandes possibilidades em um único lugar. Através desse formato, é possível a criação de um meio virtual participativo no qual o usuário encontra diversos formatos e chances de interagir com o conteúdo em questão, sendo eles: podcasts, textos e vídeos. Deixando o conteúdo mais variado e atrativo para o público. O trabalho *Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História dos Festivais de Música* apresenta linguagens variadas, além de ter sido feito a quatro mãos, e cada autora com um jeito próprio de apresentar o produto, o trabalho ainda é dividido em múltiplos formatos como vídeo, texto e o podcast para que o público possa se sentir inserido na discussão através de tais formatos.

Podemos classificar as linguagens usadas nos textos como algo que foca em trazer informação e por ser uma longform, muitas vezes tentamos usar uma linguagem mais popular para que seja mais atrativo para o público. Já nos podcasts e nos vídeos é apresentado uma linguagem bem mais informal, tentando apresentar conversas mais espontâneas, mas ao mesmo tempo trazendo todo o conteúdo necessário para uma boa compreensão do assunto. Com isso, a presente longform, além de ter conteúdos de textos e podcasts, possui conteúdos de audiovisual, ampliando suas possibilidades de alcançar públicos mais vastos, proporcionando a vivência das narrativas em diferentes formas.

3. DESCRIÇÃO DO PRODUTO

O produto realizado, a longform *Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História dos Festivais de Música* consiste em uma reportagem multimidiática, apresentando um conteúdo mais longo e completo sobre a história dos festivais de música.

O material é dividido em quatro partes, começando com textos e podcasts sobre a contextualização de como os festivais surgiram no mundo, especificamente na Grécia Antiga, Roma Antiga, chegando à Idade Média, passando pela Reforma Protestante, pelo Renascimento e o Iluminismo, alcançando a Idade Moderna e conservando essa tradição do século XVIII até o XXI. Logo após, vem a parte dos festivais no Brasil, sendo dividido por podcast, texto, e vídeos falando sobre o Festival de Música Popular Brasileira, Rock in Rio, Lollapalooza, e Coachella. Depois nós falamos sobre os festivais da nossa capital, através de vídeos de entrevistas com cada convidado, sendo esses festivais o Goiânia Noise, Bananada, e Comunica-Som. E por último, finalizamos com um podcast com público desses festivais de música.

Tendo isso em base, a presente longform traz conteúdos divididos entre textos, podcasts e vídeos sobre o tema retratado. Em alguns casos para explicar melhor as palavras usadas ao longo da narrativa sem precisar interrompê-la foi usado o recurso do hipertexto, descrito da seguinte forma por Pierre Lévy:

Se tomarmos a palavra “texto” em seu sentido mais amplo (que não exclui nem sons nem imagens), os hiperdocumentos também podem ser chamados de hipertextos. A abordagem mais simples do hipertexto é descrevê-lo, em oposição a um texto linear, como um texto estruturado em rede. O hipertexto é constituído por nós (os elementos de informação, parágrafos, páginas, imagens, sequências musicais etc.) e por links entre esses nós, referências, notas, ponteiros, “botões” indicando a passagem de um nó para outro. (2011 ,p. 58).

A longform tem na sua página inicial um vídeo gravado pelas duas autoras do produto no qual é feito um convite ao público para que acompanhe a história dos festivais narrada ao longo dos episódios. O primeiro episódio da longform foi nomeado de Festivais Antigos por trazer a história acerca das civilizações da Grécia e Roma Antiga. A primeira parte foi elaborada por Carolyne Arantes, que trouxe

inicialmente um podcast que fala sobre a devoção dos gregos em relação aos seus deuses, explicando as festas feitas em sua honra. Em seguida vem um texto trazendo mais detalhes das festividades gregas e de como essas celebrações podem ser comparadas a festivais como os conhecemos hoje, além de informações sobre as Olimpíadas da Grécia Antiga, uma das tradições daqueles tempos que conservamos ainda hoje. Para esse último assunto foi selecionado um carrossel de imagens que ilustram os jogos olímpicos durante tal período.

Na segunda parte do primeiro episódio, a autora Hellen Pollyanna trouxe uma pesquisa sobre o período da Roma Antiga, também iniciando o tema com um podcast que aborda as questões das influências deixadas por esse período para a sociedade ocidental. Em seguida é apresentado um vídeo, roteirizado pelas duas alunas e produzido pelo editor Denner Henrique (estudante de jornalismo), no qual Hellen narra uma lenda popular sobre a criação da cidade de Roma. Na sequência, o texto traz informações sobre os locais descritos na lenda dos irmãos Remo e Rômulo, criados por uma loba, sobre a política, a arte, a cultura e acerca da sociedade romana das épocas abordadas. Em analogia aos festivais, são citados os eventos que aconteciam nos anfiteatros, que iam desde espetáculos teatrais e grandes encenações até as famosas lutas de gladiadores no Coliseu. Outras celebrações comuns eram as festas imperiais:

[...] as festas serviam de cenário para a apresentação das boas qualidades, da imagem idealizada do soberano. Nos momentos festivos, ele era a imagem da generosidade, ao promover distribuições de dinheiro e/ou alimentos, da força, ao ser aclamado pelas legiões e pela plebe urbana de Roma ou das cidades provinciais, do pontificado, ao realizar importantes ritos religiosos, responsáveis por garantir o apoio das divindades à continuidade do Império. (GONÇALVES, 2002, p. 17).

No segundo episódio são retratados as festividades durante a Idade Média, a Reforma Protestante, o Iluminismo e o Renascimento. O primeiro período destacado foi escrito pela autora Hellen Pollyanna e traz um podcast com informações históricas sobre a chamada Idade das Trevas, detalhando sua ascensão, as divisões sociais e políticas, a separação entre a alta e a baixa Idade Média até os problemas que levaram ao início de seu declínio (VICENTINO & DORIGO, 2010, p. 201-215). O texto exposto após o podcast pontua detalhes sobre as rotas comerciais que deram origem às primeiras feiras, que eram locais descritos ao longo das bibliografias

(RUAS, 2013; VICENTINO & DORIGO, 2010) como espaços de troca de mercadorias, informações e cultura, sendo também espaços citados para reuniões, assembleias civis e centros de cultura e arte, com coros musicais e áreas externas amplas que permitiam encontros fora do âmbito religioso, que é uma marca muito presente nessa época e que sedimentou formas de festivais que eram então promovidos.

O teatro e a literatura, representada pelo gênero do trovadorismo, também são citados como pontos importantes dessa sociedade (VICENTINO & DORIGO, 2010, p. 213). A arquitetura recebe um grande destaque dentro desse tema por ser salientada no texto como a maior expressão artística daquele período, com sua contraposição entre os estilos gótico e romântico. O último destaque desse texto vai para a invenção da imprensa, com Johannes Gutenberg, criação que marca a construção de ambientes e tecnologias que permitiram o início da atividade jornalística. Ao longo dessa parte da longform, são exibidos carrosséis de imagens dos estilos arquitetônicos românico e gótico e de exposições da prensa de Gutenberg, além de uma imagem representando as feiras medievais citadas e é feito o uso de um hiperlink.

No espaço referente à Reforma Protestante, as autoras trazem inicialmente o contexto em que se deu a crise entre monarquias e Igreja Católica, nos quais os monarcas passaram a questionar os tributos pagos pelo povo aos clero até o escândalo das vendas de indulgências que foram o estopim para a cisma da Igreja Católica (VICENTINO & DORIGO, 2010, p. 295 -300) fazendo o uso de hiperlinks para trazer uma noção sobre expressões como 'usura' e 'justo preço' e trazem também uma síntese do que foi a Reforma Protestante e a Contrarreforma. Após esse resumo histórico são abordadas as suntuosas festas na corte, como exemplo são citadas as que a rainha, e patrona das artes, Catarina de Médici promovia.

Os períodos do Renascimento e do Iluminismo, apesar de serem separados por um intervalo de aproximadamente dois séculos, foram retratados juntos, pois as autoras entenderam que ambos têm em comum a característica de ressignificação da sociedade correspondente a cada um, trazendo novos sentidos para as visões de mundo presentes até aquele momento. Para expor os temas foi usado o recurso do podcast com uma conversa descontraída e explicativa entre Hellen Pollyanna e Carolyne Arantes. Na primeira parte, o tema abordado foi o Renascimento e quanto a ele foi enfatizado o cenário artístico daquele período. Já na segunda parte do

podcast foi abordado o Iluminismo e o destaque desse tema foi dado aos seus principais pensadores e as teorias defendidas por cada um. Apesar de o assunto festividades e músicas não estar exatamente no centro das atenções, entendeu-se que seria interessante contextualizar a forma como aquela sociedade vinha sendo transformada com o passar do tempo.

No terceiro episódio, nomeado como Tempo de Inovar, as autoras trazem em conjunto um texto que aborda os séculos XVIII, XIX e XX, evidenciando os fatos marcantes desses períodos em sua população, como as revoluções pelas quais passaram, o processo de urbanização, os progressos científicos e inovações que abrigaram. O texto traz que a partir do século XVIII é possível observar uma maior diversificação no mercado de entretenimento entre os integrantes da classe média com maior poder aquisitivo. No texto é mostrado que a partir de todas as revoluções industriais e no âmbito do poder, o mundo ganhou novas visões na economia, na política e socialmente, o que afeta também as produções artísticas e suas formas de consumo. O romantismo, enquanto movimento estético e das mentalidades, é sublinhado como um grande marco sobretudo no século XIX, trazendo o lirismo, a subjetividade e a emoção para o centro das produções e dos gostos.

[...] inicialmente, era apenas uma atitude, um estado de espírito, mas, mais tarde, toma a forma de um movimento, e o espírito romântico passa a designar toda uma visão do mundo centrada no historicismo e no individualismo. (RIBEIRO, 2010, p. VI)

A música é destacada nesse episódio com artistas como Schumann, Paganini e Chopin, compositores que revolucionaram sua época e sua arte. Já no século XX, é citado o “nascimento” dos festivais de músicas populares como os compreendemos hoje, sobretudo a partir de sua segunda metade, sendo possível citar o maior destaque dessa geração, o festival Woodstock (1969), que trouxe forte influência também no modo de vestir e no comportamento das pessoas na época. Em sua esteira vieram outros nas décadas seguintes, como o Coachella Valley Music and Arts Festival, criado em 1999, marcando a virada para o século XXI. Ambos os festivais ganham destaque nesse episódio, com as autoras trazendo respectivamente um vídeo e um podcast discutindo particularidades de cada um.

Apesar de o Brasil já ter sido citado durante o episódio anterior, o quarto episódio da longform é totalmente voltado para a história dos festivais do país. O

texto exhibe as festas realizadas durante o período colonial (1530-1822) como as primeiras faíscas do que viriam a se tornar os festivais. São citadas diversas celebrações, muitas inclusive de origem europeia, muitas ligadas a celebrações religiosas ou em homenagem a membros da corte. Após esse período são citadas a cultura e as festas populares que dão origem ao Carnaval, que além dos desfiles e celebrações em torno desse estilo, dão margem também a uma certa competitividade. É descrito que a partir de 1954, a realização de festivais de músicas trazem mais gêneros genuinamente brasileiros, inclusive passando a ser exibidos através do rádio e posteriormente na televisão. Esse assunto se torna conteúdo para um podcast em que as alunas narram a trajetória das muitas edições de Festivais de Música Brasileira, desde sua estreia na TV Excelsior até sua luta contra a repressão política, já na Record, com as artes sofrendo represálias e censuras por parte da ditadura militar instaurada em 1964.

Para fechar esse episódio, são destacados os dois maiores festivais da atualidade no Brasil: o Rock In Rio, em um vídeo com uma conversa entre as autoras sobre curiosidades desse evento, e o Lollapalooza, com um podcast também cheio de informações.

O quinto e último episódio foi reservado pelas autoras para falar apenas dos festivais da cidade de Goiânia. Esse episódio apresenta um conteúdo mais simplificado trazendo apenas os que foram julgados os quatro principais festivais da história da capital, por ordem cronológica:

O Comunica-Som (1971) abriu as portas para esse universo sendo o primeiro festival realizado no Estado, é apresentado também um vídeo de uma entrevista exclusiva com o apresentador do festival na época e seu criador, o jornalista Arthur Rezende, que tem um trabalho notório na imprensa goiana há mais de cinco décadas, tendo sido colunista social do jornal O Popular, produtor cultural e apresentador, ainda hoje, de um programa de TV. Ele apresentou um programa sobre a Jovem Guarda entre 1964 e 1969 e entre 1971 e 1985 promoveu o Comunica-Som em parceria com Lourimar Dionízio, o Mazinho, evento que teve 13 edições.

Já o festival Goiânia Noise, criado em 1995, representa o cenário roqueiro de Goiânia, sendo um dos mais importantes festivais de rock alternativo do Estado e que tem reconhecimento nacional. As autoras trazem, para falar deste evento, uma

conversa sobre esse universo com o produtor responsável pelo festival e um de seus criadores, o jornalista Leonardo Razuk.

Em 1999, surge o festival Bananada, evento com ar mais alternativo projetado inicialmente para lançar novas bandas e reunir amigos da cena roqueira e de outros gêneros. Atualmente já é um festival consolidado e para falar sobre essa trajetória foi entrevistado o consultor artístico de programação, responsável pelo agenciamento de artistas como João Donato, Tulipa Ruiz, entre outros, e criador do festival, Fabricio Nobre.

As autoras ainda trazem detalhes sobre o Villa Mix, um dos principais eventos do País na atualidade, que teve sua origem em 2011 durante a gravação do álbum intitulado 'Noite e Dia', com participação dos sertanejos Jorge & Mateus, Gustavo Lima e Humberto & Ronaldo.

Ao final desse episódio, as autoras apresentam uma série de entrevistas que fizeram com pessoas de grande importância no cenário cultural goiano, como Pablo Kossa, jornalista da Rádio Interativa, assessor de comunicação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (Incrá), foi também coordenador do Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental de Goiás (Fica) e do festival Vaca Amarela, produzido pela produtora Fósforo Cultural.

Também há uma entrevista com o jornalista Carlos Brandão, ex-diretor do Goiânia Ouro e do Teatro Goiânia, ligado à cena musical de Goiás, sobretudo a mais alternativa. Outra conversa que está no trabalho é com a cantora Salma Jô, vocalista da banda Carne Doce, um quinteto formado em 2013 que tem uma grande projeção nacional, já tendo se apresentado inclusive no Festival Lollapalooza. Em um podcast é apresentado um bate-papo com quatro estudantes de jornalismo (Brenner Karlo, Denner Henrique, Gabriel Filipe e Kamilly Moreira Belo) no qual eles conversam sobre as experiências de cada um com festivais e falam sobre suas expectativas para a retomada dos eventos após a pandemia de Covid-19.

Todos os vídeos apresentados na longform foram depositados em um canal restrito no YouTube e os podcasts e músicas na plataforma SoundCloud, sendo disponibilizado o link para o público acessar tudo no próprio site, essa foi uma forma de apresentar todo o conteúdo programado com a máxima qualidade e sem sobrecarregar o site.

Todas as decisões editoriais tomadas foram pensando em fazer algo simples que o público pudesse acompanhar como uma história com uma continuidade

apresentando começo, meio e fim. A narrativa além de trazer uma certa sequência cronológica, que foi a chave para mostrar essa continuidade e conseguir passar a evolução dos festivais de música ao longo da história, também foi dividida em três “localizações”. Sendo a primeira e mais extensa o que se pode chamar de história geral dos festivais pois traz desde os primeiros indícios e se concentra quase que completamente na Europa. A segunda localização é o Brasil, onde as autoras começam seu relato no Período Colonial (1530-1822) e seguem até chegar ao presente e finalmente, já a terceira localização é Goiânia, cidade natal das autoras e reduto de grandes celebrações e com os mais diversos gêneros musicais.

O visual do site busca combinar as cores de acordo com cada tema, além de trazer uma identidade visual com a barra de menu apresentando os mais variados instrumentos musicais ao longo da história, para a escolha de tais desenhos as autoras realizaram uma pesquisa sobre os instrumentos mais populares em cada época citada durante a longform.

3.1 TABELA COM ARQUITETURA DO SITE

Título / Menu	Subtítulos	Podcasts	Vídeos	Músicas	Hipertextos	Imagens
Apresentando o nosso site	_____	0	1	0	0	0
Primeiro Episódio: Festivais Antigos	- Grécia Antiga e suas celebrações; - Festividades e Lendas da Roma Antiga;	2	1	0	2	20
Segundo Episódio: Festividades da Idade Média ao Iluminismo	- Idade Média, o período das trevas; - 1517, início da Reforma Protestante; - Renascimento e Iluminismo;	2	0	0	3	14
Terceiro Episódio: Tempo de Inovar	- Séculos XVIII, XIX E XX: os festivais internacionais; - Woodstock e Coachella;	1	1	2	8	3
Quarto						

Episódio: Brasil e suas festividades	- Rock In Rio; - Lollapalooza;	2	1	0	1	8
Quinto Episódio: Goiânia, cidade de grandes festivais	- Comunica-Som; - Goiânia Noise; - Bananada; - Villa Mix;	2	5	0	1	5
Referências	- Referências das Imagens; - Referências Bibliográficas	0	0	0	0	0
Ficha Técnica	_____	0	0	0	0	0

3.2 DIÁRIO DE PRODUÇÃO

Realizar uma longform foi um desafio que exigiu uma série de planejamentos para a obtenção das informações, uma vez que o formato requer diversas linguagens simultâneas, como texto, vídeo, áudio e fotografia. Nesse sentido, o trabalho começou com a escolha do tema, o qual estava inicialmente planejado para abordar apenas um festival específico, mas devido a dilemas ético encontrados durante a pesquisa inicial, as autoras decidiram por mudar o foco da pesquisa e tiveram a ideia de falar sobre a história dos festivais de música.

Todo o conteúdo apresentado foi pesquisado em sites, artigos, livros e pesquisas com embasamento teórico ou baseado em falas e arquivos pessoais das fontes, como no caso das entrevistas, nas quais cada entrevistado fez seu relato emitindo suas visões pessoais e alguns festivais atuais citados, foram retiradas informações de suas mídias (sites, redes sociais etc).

Devido à pandemia de Covid-19, não houve nenhum contato presencial nas entrevistas. Todos os participantes convidados a conceder depoimentos falaram sobre seus trabalhos, lembranças, memórias e trajetórias a respeito dos festivais de música de que participaram, foram selecionadas fontes exclusivas como os criadores de alguns dos principais festivais de Goiás e que pudessem trazer mais

elementos sobre eventos realizados em diferentes momentos no cenário goiano, dos festivais de MPB e que revelaram talentos dos anos 1960 e 1970, aos encontros da cena roqueira de Goiânia, que há mais de vinte anos compõem o calendário cultural da capital de Goiás.

Como já foi dito anteriormente o formato longform possibilita o uso das mais variadas formas de conteúdo e de suas linguagens, as autoras buscaram equilibrar o conteúdo para que fosse apresentado no site de uma forma interessante e trazendo todo o material necessário. Na parte escrita é apresentado uma maior quantidade de informação com um teor mais científico em alguns momentos, já nos vídeos, entrevistas e podcasts são apresentadas conversas bem mais informais e descontraídas, sem deixar de trazer as informações precisas.

A pandemia de Covid-19 foi um dos maiores problemas enfrentados na realização do trabalho, devido ao fato de precisar produzir todo o trabalho a distância, de não poder sair à campo para buscar mais informações, conteúdos etc. Outro fator prejudicado foi o conteúdo visual produzido, como tudo foi gravado em casa as autoras não tinham a disposição todos os equipamentos necessários para apresentar uma melhor qualidade nos materiais.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho traz a história dos festivais de música abordando suas relevantes contribuições à sociedade e à cultura de cada período histórico em diferentes sociedades. Esse tema apresenta grande relevância para entendermos todas essas mudanças e evoluções no mundo e nos mostra também a importância e a força da cultura, muitas vezes desvalorizada, para o progresso de cada povo.

No período da pandemia foi possível perceber o quanto a arte por, mais simples que seja, é importante para o nosso dia-a-dia, principalmente quando nos vemos em uma situação na qual o contato físico era impossível. Tínhamos, assim, apenas a arte para nos acolher, também através das letras de músicas e das canções que nos levam para momentos importantes de nossas vidas, ou simplesmente, nos fazem nos sentir em paz e acolhidos pela sensação de nostalgia carregada em cada letra. Apesar das dificuldades encontradas durante esse período, tivemos a música e as lives de vários artistas como um refúgio momentâneo.

Porém, não apenas nesse período, mas a música em si, sempre fez parte de nossas vidas, estando presente em todos festivais de música, fazendo com que, por um momento, nessas celebrações, todos se tornem tribos em busca de um único desejo, a de poder usufruir de diversão, paz e da alegria de estar em um lugar onde todos se identifiquem e se sintam parte de algo importante.

Esse trabalho significa para nós duas, Carlyne Arantes e Hellen Pollyanna, a concretização de um período de muito aprendizado. Fazê-lo totalmente a distância, devido a pandemia de Covid-19, sem contato presencial com nosso orientador Rogério Borges, com as fontes entrevistadas ou mesmo entre nós, nos forçou a nos adaptarmos e muito rápido a todas as adversidades que apareceram ao longo do desenvolvimento do trabalho, desde os desencontros de horários, que por muitas vezes nos fizeram atrasar as gravações, até os problemas que enfrentamos ao depender completamente da tecnologia, como problemas para conseguir nos comunicar ou perder uma entrevista completa por causa de uma falha no áudio.

Independente das virtudes dos fatos apresentados, conseguimos realizar toda a proposta inicial do trabalho, e chegar no nosso objetivo, trazendo entrevistas com grandes nomes do meio musical, fontes relevantes para o tema abordado, e com a

ajuda do nosso orientador, Rogério Borges, que desde o princípio, esteve presente, ajudando para que fosse possível a realização deste trabalho.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Martha. **Festas e cultura popular na formação do "povo brasileiro"**. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, v. 16, fevereiro de 1998. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/viewFile/11192/8203> Acesso em: 19/11/2021

Almeida, M. A. B.; Araujo Antonio, B.; Fideles, C.; Attidini, J.; Souza Silva, J.; Silva, M. T. Jogos Olímpicos Gregos: discussões históricas. Universidade de São Paulo Escola de Artes, Ciências e Humanidades (Brasil). **EFDeportes.com, Revista Digital**. Buenos Aires - Ano 17 - Nº 169 - Junho de 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Marco-Bettine/publication/339386599_Jogos_Olimpicos_Gregos_discussoes_historicas_Los_Juegos_Olimpicos_griegos_los_debates_historicos_Greek_Olympics_historical_discussions/links/5e4eb206299bf1cdb93901ac/Jogos-Olimpicos-Gregos-discussoes-historicas-Los-Juegos-Olimpicos-griegos-los-debates-historicos-Greek-Olympics-historical-discussions.pdf . Acesso em:20/11/2021

ANDRADE, Kaline de França; MOREY, Bernadete. Geometria e estilo gótico: as catedrais medievais. **Revista História da Matemática para Professores**, v. 3, n. 1, p. 10-25, 2016. Disponível em: <http://www.rhmp.com.br/index/index.php/rhmp/article/download/28/25> Acesso em: 28/03/2021

ANDREGUETTI, MARCELO. **13 festivais de música que entraram para a história**. SUPER INTERESSANTE. São Paulo: Abril, 27 de março de 2015. Disponível em: <https://super.abril.com.br/blog/superlistas/13-festivais-de-musica-que-entraram-para-a-historia/>. Acessado: 19/11/2021

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet**. Companhia das Letras: São Paulo, 2016.

BYINGTON, Elisa. **O projeto do renascimento**. Companhia das Letras, São Paulo: 2009.

CALIL, Ricardo; TERRA, Renato. **Uma noite em 67**. DVD. Brasil, 2010.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 2018.

CERQUEIRA, Fábio Vergara. As antestérias, um ritual carnavalesco de transgressão e afirmação da ordem social na antiga Atenas (sec. VI e V AC). **Patrimônio e Memória**, UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 151-171, jun. 2011. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/161/161> Acesso em: 20/11/2021

COSTA, Ives Leocelso Silva. **A transição da idade média para a idade moderna: uma análise crítica**. Revista Tempo de Conquista, v. 19, p. 1-14, 2017. Disponível em: <http://www.revistatempodeconquista.com.br/documents/RTC19/IVESCOSTA.pdf> Acesso em: 19/11/2021

ENCARNAÇÃO, Paulo Gustavo da. Rock in Rio—um festival (im) pertinente à música brasileira e à redemocratização nacional. **Patrimônio e Memória**, v. 7, n. 1, p. 348-368, 2007. Disponível em: <http://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/226/226> Acesso em: 20/11/2021

FLECHET, Anaís. Por uma história transnacional dos festivais de música popular. Música, contracultura e transferências culturais nas décadas de 1960 e 1970. **Patrimônio e memória**, v. 7, n. 1, p. 257-271, 2007. Disponível em: <https://pem.assis.unesp.br/index.php/pem/article/view/205/205> Acesso em: 20/11/2021

GODINHO, Rosemary de Sampaio. Renascimento: Uma nova concepção de mundo através de um novo olhar para a natureza. **DataGramZero**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, p. A01-1001, 2012. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/45740> Acesso em: 20/11/2021

GONÇALVES, Ana Teresa Marques. **As festas imperiais na Roma Antiga: os decennalia e os jogos seculares de septímio severo**. Departamento de História e Geografia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ensino Superior do Seridó - Campus de Caicó. V. 03. N. 06, out./nov. de 2002 – Semestral. 2002. Disponível em:

<https://repositorio.bc.ufg.br/bitstream/ri/13408/5/Artigo%20%20%20-%20Ana%20Teresa%20Marques%20Gon%C3%A7alves%20%20-%202002.pdf> Acesso em: 19/11/2021

HISTÓRIA. Rock in Rio. Disponível em: <https://rockinrio.com/rio/pt-br/historia/> Acesso em: 20/11/2021

HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX: 1914-1991**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

HUIZINGA, Johan. **L'automne du Moyen Age**. Paris: Payot, 1995.

Kaminski, Leon Frederico. **O movimento hippie nasceu em Moscou: imaginário anticomunista, contracultura e repressão no Brasil dos anos 1970**. Antíteses, vol. 9, núm. 18, julho-dezembro, 2016, pp. 467-493 Universidade Estadual de Londrina Londrina, Brasil. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1933/193349764019.pdf> Acesso em: 20/11/2021

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Ed. 34. São Paulo. 2011.

LIMA, Elaine Carvalho de; OLIVEIRA NETO, Calisto Rocha de. **Revolução Industrial: considerações sobre o pioneirismo industrial inglês**. Revista Espaço Acadêmico, v. 17, n. 194, p. 102-113, 2017. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/32912/19746> Acesso em: 19/11/2021

LOPES, Mônica de Souza. **Das origens da festa à brasileira**. Revista Científica/FAP, 2007. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/revistacientifica/article/view/1745/1090> Acesso em: 28/03/2021

LOPES, Rogério. **A trajetória de Romeu e Julieta: do teatro inglês renascentista ao teatro popular brasileiro**. Artcultura, v. 11, n. 19, 2009. Disponível em:

https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/060/ROGERIO_PAULINO.pdf Acesso em: 20/11/2021

MACHADO, Irley. **A farsa: um gênero medieval**. Ouvirouver, n. 5, Uberlândia, MG, 2009. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver>. Acesso em: 28/03/2021

MACHADO, Irley. **Gil Vicente: o teatro e o ambiente medieval de sua obra**. Ouvirouver, n.2, 2006. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/219> Acesso em: 28/03/2021

MACHADO DE OLIVEIRA, A. J. **A festa da glória. Festas, irmandades e resistência cultural no Rio de Janeiro imperial**. História Social, n. 7, p. 19-49, 11. 2000. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/ojs/index.php/rhs/article/view/483/389> Acesso em: 19/11/2021

MAGNOLO, Talita Souza; COUTINHO, Iluska. **A TV Excelsior e as competições musicais: os Festivais de Música Popular de 1965 e 1966**. Trabalho apresentado no GP Estudos de Televisão e Televisualidades do XVI Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação Audiovisual, evento componente do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2016. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2016/resumos/R11-0007-1.pdf> Acesso em: 19/11/2021

MAIA, Doralice Sátyro; SÁ, Nirvana Lígia Albino Rafael. A festa na cidade no século XIX e início do século XX: lembranças e memórias da cidade da Parahyba–Brasil. **Ateliê Geográfico**, v. 2, n. 2, p. 18-39, 2008. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/atelie/article/view/4725/3974> Acesso em: 18/11/2021

MALHADAS, Daisi. As Dionisíacas urbanas e as representações teatrais em Atenas. **Ensaio de Literatura e Filologia**, v. 4, p. 67-79, 1983. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/literatura_filologia/article/view/7101/6103 Acesso em: 20/11/2021

MARRIOTT, Emma. **A história do mundo para quem tem pressa**. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

MARTINO, Luís Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes e redes**. Petrópolis: Vozes, 2015.

MARX, K.; ENGELS, F. **Manifesto comunista**. Rio de Janeiro: Garamond, 1998.

MELLO, Vico; DONATO, Manuella. **O pensamento iluminista e o desencantamento do mundo: modernidade e a Revolução Francesa como marco paradigmático**. Revista Crítica Histórica. Maceió: ano II, nº4, julho/dezembro, 2011. Disponível em: <http://www.revista.ufal.br/criticahistorica/attachments/article/118/O%20Pensamento%20Iluminista%20e%20o%20Desencantamento%20do%20Mundo.pdf> Acessado em: 19/11/2021

MELLO, Zuzá Homem de. **A era dos festivais: uma parábola**. São Paulo: Editora 34, 2008.

MELO, Victor Andrade de. História do uso do tempo livre: a emergência do lazer (Inglaterra, século XVIII). **Revista do Centro de Pesquisa e Formação**. Dossiê: Perspectivas contemporâneas sobre o ócio, lazer e tempo livre. Sesc-SP: São Paulo, 2017. Disponível em: <https://www.sescsp.org.br/files/artigo/bc44de78/8db1/4f8a/8561/fe58b3087313.pdf> Acesso em: 19/11/2021

MONTEIRO, Rodrigo. As reformas religiosas na Europa Moderna: notas para um debate historiográfico. **Varia História**, Belo Horizonte, v. 23, n. 37, p.130-150, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/160/MONTEIRO%2c%20Rodrigo%20Bentes-As%20reformas%20religiosas%20na%20europa%20moderna.pdf?sequence=1&isAllowed=y> Acesso em: 30/10/2021

MULTIRIO. **Festas barrocas**: o triunfo eucarístico e o áureo trono episcopal. Rio de Janeiro. Disponível em: http://www.multirio.rj.gov.br/historia/modulo01/festas_barrocas.html. Acessado em: 20/06/2021

PALISCA, Claude V.; GROUT, Donald Jay. **História da música ocidental**. 4ª edição. Lisboa: Gradiva, 2007. Disponível em: https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/988/o/GROUT__PALISCA_-_Hist%C3%B3ria_da_M%C3%BAsica_Ocidental.pdf Acesso em: 28/03/2021

PEDROSA, Mayra Stela Dunin. **A atuação do músico na Europa nos séculos XVIII e XIX**. Anais do SEFiM - Simpósio de Estética e Filosofia da Música, v. 4, n. 1. 2019. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/sefim/ojs/index.php/sm/article/view/708/456> Acesso em: 19/11/2021

REIS, Susana; COSTA, Paula. **Woodstock music & art fair**. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 2º Semestre, ano letivo, 2015/16. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Mariana-Costa-44/publication/321858070_O_festival_de_Woodstock_de_1989/links/5a3560f9a6fdcc769fd499bf/O-festival-de-Woodstock-de-1989.pdf Acesso em: 14/05/2021

REY-FLAUD, Henri. **Pour une dramaturgie du Moyen Âge**. Paris: Presses Universitaires de France, 1980.

RIBEIRO, G. M.; CHAGAS, R. L.; PINTO, S. L. **O renascimento cultural a partir da imprensa: o livro e sua nova dimensão no contexto social do século XV**. Akropolis, Umuarama, v. 15, n. 1 e 2, p. 29-36, jan./jun. 2007. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/235577221.pdf> . Acesso em: 19/11/2021

RIBEIRO, Raquel Alexandra Oliveira da Silva. **Romantismo**: contextualização histórica e das artes. Instituto Politécnico de Castelo Branco. Escola Superior de Artes Aplicadas, Tese de Doutoramento. Portugal, 2010. Disponível em: <https://repositorio.ipcb.pt/bitstream/10400.11/656/1/Romantismo.pdf> Acessado em: 19/11/2021

RONCONI, Marcella; MENDONÇA, Andrey. **O festival Lollapalooza, as marcas e as manifestações político-culturais**. Escola Superior de Propaganda e Marketing. São Paulo, 2017. Pesquisa em comunicação. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2017/resumos/R12-1480-1.pdf>; Acesso em: 20/06/2021

RUAS, Rayane. **Festivais musicais: um estudo sob a ótica do turismo**. Dissertação (mestrado) - Universidade de Brasília, Centro de Excelência em Turismo, Mestrado Profissional em Turismo. Universidade de Brasília: Brasília, 2013. Disponível em: https://repositorio.unb.br/bitstream/10482/16107/3/2013_RayaneRuas.pdf. Acesso em: 28/03/2021

RUST, Leandro Duarte. **Jacques Le Goff e as representações do tempo na Idade Média**. Fênix-Revista De História E Estudos Culturais, v. 5, n. 2, p. 1-19, 2008. Disponível em: <https://www.revistafenix.pro.br/revistafenix/article/view/40/35> Acesso em: 28/03/2021

SARIAN, Haiganuch. **Culto heróico, cerimônias fúnebres e a origem dos Jogos Olímpicos**. Clássica: Revista Brasileira de Estudos Clássicos, v. 9, n. 9, p. 45-60, 1997. Disponível em: <https://www.revista.classica.org.br/classica/article/view/511/454> Acesso em: 20/11/2021

SILVA, André Luiz Reis. **A nova ordem europeia no século XIX: os efeitos da dupla revolução na história contemporânea**. Ciências & Letras. Porto Alegre, 2010. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Andre-Luiz-Reis-Da-Silva/publication/267802158_A_nova_ordem_europeia_no_seculo_XIX_os_efeitos_da_dupla_revolucao_na_historia_contemporanea/links/5571d27d08ae75215866fde5/A-nova-ordem-europeia-no-seculo-XIX-os-efeitos-da-dupla-revolucao-na-historia-contemporanea.pdf; Acesso em: 20/06/2021

SILVA, Karoline Adriene; COLANTUONO, Aline. Indústria e turismo da cultura: uma observação preliminar sobre o festival Lollapalooza. **Revista FAE**, FAE Centro

Universitário, Curitiba, v. 21, n. 1, p. 110 - 136, jan./jun. 2018 Disponível em: <https://revistafae.fae.edu/revistafae/article/view/596> Acesso em: 20/06/2021

SILVA, Rafael Guimarães Tavares da. Festivais dionisíacos na ática (i): dionísias rurais e leneias. **Revista Hélade**, v. 5, n. 2, p. 317-341, 2019.

Disponível em: <https://periodicos.uff.br/helade/article/view/28585/24020> Acesado em: 20/11/2021

STEGANHA, Roberta. **Jornalismo na internet: a influência das redes sociais no processo de confecção das notícias de entretenimento e celebridade.**

Dissertação de Pós-Graduação em Comunicação, Área de concentração em Comunicação Midiática, Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista, campus de Bauru, 2010. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/steganha-roberta-jornalismo-na-internet.pdf> Acesso em: 20/11/2021

VALCK, Marijke de. As várias faces dos festivais europeus. Cinema no mundo: indústria, política e mercado: Europa. Coleção Cinema no Mundo. Volume V. São Paulo:

Escrituras Editora, 2007. Disponível em: <https://www.cena.ufscar.br/as-varias-faces-dos-festivais-europeus/> Acesso em: 19/11/2021

VAN DAL, Jorge Luiz Garcia. **Convergência de mídias: o receptor como protagonista do processo comunicacional.** Interprogramas de Mestrado Faculdade

Cásper Líbero, V. 9, 2013. Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2014/04/Jorge-Luiz-Garcia-Van-Dal.pdf> Acesso em: 20/11/2021

VICENTINO, Cláudio; DORIGO, Gianpaolo. **História geral e do Brasil.** São Paulo: Scipione, 2010.

VILLAMIX. **Villamix festival:** o maior festival de música do Brasil. Disponível em: <https://www.villamix.com.br/o-festival/> Acessado em: 20/11/2021

6. ANEXOS

ANEXO 1 – Termo de autorização de publicação de produção acadêmica: Hellen



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Hellen Pollyanna de Holanda Dias Cavalcante do Curso de Jornalismo, matrícula 2018.1.0127.0040-3, telefone: (62) 98254-4616 e-mail hellenpollyannahdc@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História dos Festivais de Música, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 22 de Novembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es):

Hellen Pollyanna de Holanda Dias Cavalcante.

Nome completo do autor: Hellen Pollyanna de Holanda Dias Cavalcante

Assinatura do professor-orientador:

Rogério Pereira Borges

Nome completo do professor-orientador:

Rogério Pereira Borges

ANEXO 2 - Termo de autorização de publicação de produção acadêmica: Carolyne



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE
GOIÁS
PRÓ-REITORIA DE DESENVOLVIMENTO
INSTITUCIONAL
Av. Universitária, 1069 | Setor Universitário
Caixa Postal 86 | CEP 74605-010
Goiânia | Goiás | Brasil
Fone: (62) 3946.3081 ou 3089 | Fax: (62)
3946.3080
www.pucgoias.edu.br | prodin@pucgoias.edu.br

RESOLUÇÃO n°038/2020 – CEPE

Termo de autorização de publicação de produção acadêmica

O(A) estudante Carolyne Soares Arantes do Curso de Jornalismo, matrícula 2018.1.0127.0019-5, telefone: (62) 99249-7171 e-mail carolarantes29@gmail.com, na qualidade de titular dos direitos autorais, em consonância com a Lei n° 9.610/98 (Lei dos Direitos do autor), autoriza a Pontifícia Universidade Católica de Goiás (PUC Goiás) a disponibilizar o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História dos Festivais de Música, gratuitamente, sem ressarcimento dos direitos autorais, por 5 (cinco) anos, conforme permissões do documento, em meio eletrônico, na rede mundial de computadores, no formato especificado (Texto (PDF); Imagem (GIF ou JPEG); Som (WAVE, MPEG, AIFF, SND); Vídeo (MPEG, MWV, AVI, QT); outros, específicos da área; para fins de leitura e/ou impressão pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada nos cursos de graduação da PUC Goiás.

Goiânia, 22 de Novembro de 2021.

Assinatura do(s) autor(es):

Nome completo do autor: Carolyne Soares Arantes

Assinatura do professor-orientador:

Nome completo do professor-orientador:

ANEXO 3 - Autorização de uso de entrevista das fontes

Todas as fontes foram informadas antes das gravações das entrevistas e concordaram com o uso de suas entrevistas para composição do site que compõe o trabalho de conclusão de curso “Dos Anfiteatros aos Grandes Palcos Tecnológicos: A História Dos Festivais De Música”.

Fontes:

Arthur Resende

Brenner Karlo Felix

Carlos Brandão

Denner Henrique Santana

Fabricio Nobre

Gabriel Filipe Meireles

Kamilly Moreira Belo

Leonardo Razuk

Pablo Kossa

Salma Jô